



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**As camadas de invisível que formam um ponto de vista: um
contributo artístico transmedia**

Hoana Costa Gonçalves

Orientador(es) | Teresa Veiga Furtado
Elyeser Szturm

Évora 2022



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**As camadas de invisível que formam um ponto de vista: um
contributo artístico transmedia**

Hoana Costa Gonçalves

Orientador(es) | Teresa Veiga Furtado

Elyeser Szturm

Évora 2022





O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Luís Afonso (Universidade de Évora)

Vogais | Vítor Manuel Gomes (Universidade de Évora)

A cada um dos olhos que trocaram com os meus no processo de elaboração deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho é uma investigação em artes visuais, de abordagem teórica e prática, que tem como objecto de estudo explorar a maneira como pontos de vista são formados. Muito além do que é assimilado pelo olho físico, buscarei o sentido ontológico do olhar. Este estudo transdisciplinar, intersecta diversas áreas do conhecimento como as artes visuais, história, humanidades, sociologia e filosofia. Fundamentado na experiência do meu próprio olhar e, partindo das concepções relativas a fenomenologia, explorarei como pontos de vista podem, a partir de sua representação numa linguagem visual, serem pensados, repensados e representados.

Palavra-chave:

artes visuais, eyes, cultura visual, invisível, maneiras de ver, fenomenologia do olhar.

The layers of the invisible that form a point of view: a transmedia artistic contribution.

Abstract

The present work is an investigation in visual arts, with a theoretical and practical approach, whose object of study is to explore the way in which points of view are formed. Far beyond researching what is assimilated by the physical eye, I will seek the ontological sense of the gaze. This transdisciplinary study intersects different areas of knowledge such as visual arts, history, humanities, sociology and philosophy. Based on the experience of my own point of view and, starting from conceptions related to phenomenology, I will explore how points of view can, from their representation in a visual language, be thought, rethought and represented.

Keywords:

visual arts, eyes, visual culture, invisible, ways of seeing, phenomenology.

Índice

Capítulo I – O olho e o ângulo	4
1.1. TRAJETÓRIA DO EU - I (EYE)	4
1.2. PONTOS DE VISTA	8
1.3. MANEIRAS DE VER	9
1.4. O COSMOS NO TEU OLHO (OU A SER COMPLETADO COM A SUA OPINIÃO)	12
1.5. O OLHO - EYE	16
1.6. ONTOLOGIA DO OLHO	17
Capítulo II – Visível e invisível: saber ver a beleza	20
2.1. VISÍVEL E INVISÍVEL	20
2.2. OLHAR A OLHAR	23
2.3. QUOTIDIANO E AS FLORES INVISÍVEIS	28
2.4. A VERDADEIRA BELEZA	32
Capítulo III – Observo	37
3.1. OBSERVO-ME AO OBSERVAR O OBSERVADOR	37
3.2. GENOCÍDIO FEMININO E O PONTO DE VISTA NÃO SOLICITADO	45
3.3. ERAM FLORES	51
3.4. OLHO DE TOURO ou O PONTO DE VISTA NÃO SOLICITADO	55
3.5. A BULL FIGHT	58
Capítulo IV – O que resta do velho ponto de vista?	62
4.1. O QUANTO DE UM OLHAR ANTIGO AINDA RESTA NO MEU?	62
4.2. O DESCOBRIMENTO DO BRILHO	73
4.3. OLHARES DE ÉVORA	85
4.4. LIBERDADE	89
4.5. PASSADO, PRESENTE e FUTURO	92
Considerações Finais	99
Referências Bibliográficas	101
Referências Imagens	103

Índice de Imagens

- Fig. 1 – Hoana Gonçalves. Meu olho recém chegado á Évora. Portugal, 2020.
Fotografia digital clicada por Ronald Nascimento Felipe. Colecção da autora. 7
- Fig. 2 – Hoana Gonçalves. Intervenções imaginativas sobre um livro que me foi doado.
Portugal, 2020. Fotografia digital e desenho feitos pela própria artista. Colecção da
autora. 10
- Fig. 3 – Hoana Gonçalves. Detalhe da obra O cosmos no teu olho. Portugal, 2020.
Fotografia digital. Revista INVERSO. 13
- Fig. 4 – Hoana Gonçalves. Instrução exposta junto à obra O cosmos no teu olho.
Portugal, 2020. Imagem digital. Colecção da autora. 14
- Fig. 5 – Hoana Gonçalves. Detalhe da obra O cosmos no teu olho. Portugal, 2020.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 16
- Fig. 6 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana. Portugal, 2020. Fotografia
digital dirigida e editada pela autora e clicada com ajuda da colega de mestrado Ivna.
Colecção da autora. 19
- Fig. 7 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana. Portugal, 2020. Fotografia
digital dirigida e editada pela autora e clicada com ajuda da colega de mestrado Ivna.
Colecção da autora. 20
- Fig. 8 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana . Portugal, 2020. Frame de
vídeo gravado e produzido pela própria autora e editado com ajuda do técnico da
Universidade, Miguel Machado. Colecção da autora. 23
- Fig. 9 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana . Portugal, 2020. Frame de
vídeo gravado e produzido pela própria autora e editado com ajuda do técnico da
Universidade, Miguel Machado. Colecção da autora. 24

- Fig. 10 – Hoana Gonçalves. Autora junto a seu quadro Permanente autoconstrução I, exposto na galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora. 25
- Fig. 11 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução II. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora. 26
- Fig. 12 – Hoana Gonçalves. Série Permanente autoconstrução exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora. 27
- Fig. 13 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução III. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora. 28
- Fig. 14 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução VI. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora. 29
- Fig. 15 – Hoana Gonçalves. Quotidiano e as flores invisíveis. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 30
- Fig. 16 – Hoana Gonçalves. Fotografias feitas em sequência no caminho para casa. Portugal, 2021. Fotografias digitais feitas pela autora. Colecção da autora. 31
- Fig. 17 – Hoana Gonçalves. A inspiradora conversa com Ana. Portugal, 2021. Captura de tela pela autora. Colecção da autora. 32
- Fig. 18 – Hoana Gonçalves. Obra exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 33
- Fig. 19 – Hoana Gonçalves. A verdadeira beleza. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 34

- Fig. 20 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021.
Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 35
- Fig. 21 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021.
Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 36
- Fig. 22 – Hoana Gonçalves. Pintura de modelo vivo feito pela autora. Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 36
- Fig. 23 – Hoana Gonçalves. Captura de tela do grupo no whatsapp. Portugal, 2021.
Imagem digital. Colecção da autora. 37
- Fig. 24 – Hoana Gonçalves. Paleta de cores da íris desenhista Daniel Lopes. Portugal,
2021. Imagem digital. Colecção da autora. 38
- Fig. 25 – Hoana Gonçalves. Cores dos Observadores. Portugal, 2021. Fotografia digital
da obra feita pela autora exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Colecção
da autora. 39
- Fig. 26 – Hoana Gonçalves. Pintura de Felipe Corsini parte da obra Observo-me ao
observar o observador. Portugal, 2021. Tinta China sobre papel. Colecção da autora. 41
- Fig. 27 – Hoana Gonçalves. Pintura de Mário Silva feita durante a sessão proposta pela
autora. Évora, Portugal, 2021. Aquarela e caneta sobre papel. Colecção da autora. 42
- Fig. 28 – Hoana Gonçalves. Observo-me ao observar o observador. Évora, Portugal,
2021. Aquarela e caneta sobre papel. Colecção da autora. 43
- Fig. 29 – Hoana Gonçalves. Desenhos de observação de uma mesma pose da sessão
proposta. Portugal, 2021. Imagens digitalizadas dos desenhos. Colecção da autora. 44

- Fig. 30 – Hoana Gonçalves. Espectadores a observar a obra exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 45
- Fig. 31 – Hoana Gonçalves. A tela exposta junto a outras obras de minha autoria na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora. 47
- Fig. 32 – Hoana Gonçalves. Anabatista Anneken Hendriks morta em Amsterdã em 1571 após ser acusada de heresia pela inquisição. The Guardian, via Getty Images. Imagem digital. Site Guardian, The (2021). 48
- Fig. 33 – Hoana Gonçalves. Genocídio Feminino e o ponto de vista não solicitado e ficha catalográfica. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 50
- Fig. 34 – Hoana Gonçalves. Confecção da obra Genocídio Feminino e o ponto de vista não solicitado. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora. 51
- Fig. 35 – Hoana Gonçalves. Praça com Palácio da Inquisição, templo romano e Biblioteca Nacional em Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora. 52
- Fig. 36 – Hoana Gonçalves. Visão Geral da obra Eram Flores, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 53
- Fig. 37 – Hoana Gonçalves. Pormenor da QR code para acessar a obra sonora Eram Flores, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Imagem digital. Coleção da autora. 54
- Fig. 38 – Hoana Gonçalves. Ficha catalográfica da obra Eram Flores, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 55

- Fig. 39 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021.
Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 56
- Fig. 40 – Hoana Gonçalves. Perspectiva do Touro. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 57
- Fig. 41 – Hoana Gonçalves. Fotografia de performance feita pela autora numa arena de
tourada. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021. Fotografia digital feita por um colega de
laboratório artístico a pedido da própria autora. Colecção da autora. 59
- Fig. 42 – Hoana Gonçalves. Fotografia de obra feita pela autora exposta na Galeria
Zaratan. Lisboa, Portugal, 2021. Imagem digitalizada da colagem feita pela própria
autora. Colecção da autora. 60
- Fig. 43 – Hoana Gonçalves. O desenho do Touro. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 61
- Fig. 44 – Hoana Gonçalves. Cartaz da exposição Em Obras. Lisboa, Portugal,
2021. Imagem digital. Coleção da Galeria Zaratan. 62
- Fig. 45 – Hoana Gonçalves. Visão geral da instalação feita nas janelas da Biblioteca
Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora.
Colecção da autora. 64
- Fig. 46 – Hoana Gonçalves. Ficha catalográfica da obra afixada à janela da Biblioteca
Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora.
Colecção da autora. 65
- Fig. 47 – Hoana Gonçalves. Pormenor das projeções feitas através da instalação no
piso da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita
pela autora. Colecção da autora. 66

- Fig. 48 – Hoana Gonçalves. Quadro do Frei Manuel do Cenáculo e sombra da instalação projetada no chão da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 67
- Fig. 49 – Hoana Gonçalves. Pormenor do retrato do Frei Manuel do Cenáculo e seu olhar severo. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 68
- Fig. 50 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra O quanto de um olhar antigo ainda resta no meu? Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 69
- Fig. 51 – Hoana Gonçalves. Pormenor madeira no chão da biblioteca com prisma acarretado pela instalação feita na janela da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 70
- Fig. 52 – Hoana Gonçalves. Pormenor madeira no chão da biblioteca com prisma acarretado pela instalação feita na janela da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 71
- Fig. 53 – Hoana Gonçalves. Pessoas a interagir com prisma formado pela instalação O quanto de um olhar antigo ainda resta no meu? Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora. 72
- Fig. 54 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frames do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora. 74
- Fig. 56 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora. 76
- Fig. 57 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora. 77

- Fig. 58 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimiento do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Coleção da autora. 79
- Fig. 59 – Ceifeiras Alentejanas. Portugal, 2021. Imagem digital. Site O Leme. 80
- Fig. 60 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimiento do brilho. Évora, Portugal, 2021. Fotografia do colega Fabrisio Canifa. Coleção da autora. 82
- Fig. 61 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimiento do brilho. Évora, Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora. 83
- Fig. 62 – Hoana Gonçalves. Pormenor da instalação Olhares de Évora. Portugal, 2022. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 86
- Fig. 63 – Pippilot Rist. Vista de “Looking Through Pixel Forest,” com vídeos que se alternavam a ser exibidos no teto. Suécia, 2016. Fotografia digital feita por Philip Greenberg. NY Times. 87
- Fig. 64 – Hoana Gonçalves. Corredor com a instalação Olhares de Évora. Portugal, 2022. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora. 88
- Fig. 65 – Hoana Gonçalves. A liberdade mora atrás do olho. Portugal, 2021. Fotografia digital posada e fotografada pela autora com intervenção feita também pela mesma. Coleção da autora. 89
- Fig. 66 – Hoana Gonçalves. Obra sendo vista no centro de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital fotografada pela autora. Coleção da autora. 90
- Fig. 67 – Hoana Gonçalves. A liberdade é dentro. Portugal, 2021. Fotografia digital posada e fotografada pela autora com intervenção feita também pela mesma. Coleção da autora. 91

- Fig. 68 – Hoana Gonçalves. Obra exposta no centro de Évora. Portugal, 2021.
Fotografia digital fotografada pela autora. Colecção da autora. 92
- Fig. 69 – Hoana Gonçalves. Fotografia base para a obra Passado. Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 93
- Fig. 70 – Hoana Gonçalves. Fotografia base para a obra Presente. Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 94
- Fig. 71 – Hoana Gonçalves. A obra PRESENTE sentida tatilmente por um visitante da
exposição COM TEXTO. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção
da autora. 95
- Fig. 72 – Hoana Gonçalves. Entrada da exposição coletiva COM TEXTO. Portugal,
2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 96
- Fig. 73 – Hoana Gonçalves. Processo de perfuração da fotografia da obra Futuro.
Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 97
- Fig. 74 – Hoana Gonçalves. Exposição COM TEXTO, em Évora. Portugal, 2021.
Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora. 98

INTRODUÇÃO

Cheguei a Évora observando tudo ao meu redor - e logo vi que estava a ser observada na mesma (ou mesmo em maior) medida. Minha intenção era me tornar uma grande artista. Para isso precisaria levar meus olhos para passear e para novas aventuras em alguma nova e desconhecida região do mundo. Por fim, a maneira como os cidadãos locais me viram nesta cidade construiu o meu olhar sobre eles e fez pensar sobre como me enxergo a mim mesma.

O olhar funciona tanto de maneira ativa quanto passiva e muito além dos olhos. Percebi então meu olhar como uma janela permeável, que se nutria de tudo o que estava a ver ao seu redor - e meu próprio corpo era a chave que me fazia perceber os olhares em torno de mim. Essas e tantas outras perspectivas foram se somando uma a uma naquilo que é o meu ângulo único de visão.

Despertada pelos intensos olhares alentejanos, ocorreu-me a seguinte questão: Como o ponto de vista de alguém é formado? Penso que o ponto inicial para responder a esta pergunta é o meu próprio olhar, é explorar a minha própria maneira de ver o mundo. Afinal, como foi formada a maneira com que percebo o mundo ao meu redor?

O presente Projeto intitulado “As camadas de invisível que formam um ponto de vista: um contributo artístico transmedia”, procura responder à questão acima formulada. Trata-se de uma investigação em artes visuais, de abordagem teórica e prática, onde irei explorar o conceito de ver e olhar. Ademais, irei materializar imagens que simbolizam como os pontos de vista são formados, transformados e a influência, invisível, que cada olhar particular tem de outros olhares ao longo do tempo.

Pesquise o tema do olhar e dos olhos, não apenas como instrumentos que efetuam a compreensão do mundo, mas que também participam ativamente da interação com as outras pessoas. As peças artísticas, preparadas como parte da investigação, serão executadas recorrendo a diferentes linguagens artísticas, mesclando técnicas clássicas das artes visuais como a serigrafia e instalações aos recursos técnicos mais atuais, como o vídeo, som, performance. Com esta pesquisa, procurarei contribuir com um projeto artístico que lance um novo olhar sobre como os pontos de vista são formados, transformados e representados.

A singularidade do meu olhar sobre o ambiente por onde passei durante a pesquisa é o ponto de partida da mesma, que tem sua área campo na ciência,

principalmente, na fenomenologia do olhar. Os principais pensadores aos quais recorro são: Georges Didi-Huberman, Merleau-Ponty e John Berger. Os principais conceitos operativos utilizados serão os da ontologia do sensível, na perspectiva de uma reflexão filosófica e da fenomenologia do olhar. Combino esses conceitos com dimensões culturais, sociais e históricas, em especial as da cidade de Évora. Igualmente, para a produção das obras artísticas, que pretendem pensar pontos de vista, lançarei mão de referências imagéticas e conceptuais de artistas, dentre os quais, Pipilotti Rist, Olafur, Yoko Ono e Lucia Koch.

Um exemplo de trabalho da artista Pipilotti Rist que me inspira essencialmente, é a exposição que ela fez em 2016 chamada Pixel Forest, no New Museum, em Zurique, na Suíça. Suas instalações expansivas fazem alterar o ponto de vista do espectador enquanto o fazem passar por dentro das obras ou mesmo ao convidá-los a se deitarem para ver projeções expostas no teto. Talentosa, Rist conecta os espaços entre a arte e a cultura popular, o mundo natural e o tecnológico.

Outra grande referência são os trabalhos de instruções feitas por Yoko Ono, que vi expostas no Museu Serralves no Porto em Novembro de 2020, onde a artista propunha uma série de ações a serem realizadas pelo público. As possibilidades dadas por suas instruções mudaram definitivamente a arte contemporânea. Além disso, fui motivada pela arte de Olafur, que usou vários jogos de espelhos que colocavam o ponto de vista do espectador em foco em sua exposição em Versailles no verão de 2016. Já minhas instalações prismáticas que utilizam luz natural foram inspiradas também nas coloridas obras de Lucia Koch como Conversation, instalada em 2013 em janelas de uma Fundação nos Emirados Árabes.

Ao longo do capítulo 1, além de discorrer sobre a simbologia dos olhos, tratarei sobre a ligação essencial entre a minha perspectiva individual e a trajetória dos meus próprios olhos até aqui. No decorrer do capítulo 2 vou tratar sobre o invisível, no sentido de algo que não se consegue ver a olho nu e também sobre como posso fazer ver e sobre certas camadas que atuam como filtros em relação ao que vejo.

Além do mais, no capítulo 3 vou discorrer sobre como a maneira como sou vista afeta como vejo a mim mesma. E, a partir daí, sobre a inter-relação existente entre os mais diversos pontos de vista envolvidos em uma determinada realidade. Por fim, no capítulo 4 vou tecer algumas considerações em relação às

possibilidades de se olhar para dentro de si mesmo e ainda sobre o brilho e a liberdade que existem em ser autêntico. Vou apresentar a possibilidade de exercitar os próprios olhos para busquem inspiração para se expandir.

Esta pesquisa vai permitir uma nova reflexão sobre a representação do olhar no âmbito das artes visuais, a partir de experiências e vivências culturais, antropológicas, sociológicas, históricas e tradicionais que contribuem na formação do meu próprio olhar relativamente à cidade de Évora e à região do Alentejo de Portugal.

Capítulo I – O olho e o ângulo

1.1. Trajetória do eu - I (eye)

Demorei mais tempo do que eu gostaria para perceber que seria negligência existir sem me dedicar a pensar e viver para a arte. Concluí uma licenciatura em Relações Internacionais em 2006 aos 21 anos de idade e acabei por trabalhar com jornalismo durante a maior parte da minha vida adulta. Sempre me percebi sensível à arte. Na primeira vez que fui ao museu do Prado, em 2004, nem sequer notei que se passaram quase 8h sem que eu comesse ou bebesse nada. Estive em pé por todo esse tempo com tantas emoções que deixaram minha camisa encharcada em lágrimas. Em todo esse tempo e mesmo por algumas horas após sair do museu não senti nenhum cansaço, sede ou fome. Era como se aquelas pinceladas, entalhes e cada pormenor que vi tivessem me alimentado de uma maneira muito mais profunda e satisfatória do que uma simples pizza poderia fazer.

Além de muito abalada pelo impacto estético de obras visuais ou auditivas, me sentia também movida também pela estética voltada à intelectualidade, que facilmente chega a me fazer chorar um pranto de alegria e puro êxtase. Sempre profundamente abalada pela poesia e literatura, me considero uma enorme fã de artistas nas mais diversas áreas. Foi apenas ao fim do ano de 2020 que percebi que, ao me considerar assim tão enormemente fã de alguns artistas, certamente eu espelhava algo da singularidade deles em mim e, de certa maneira, projetava neles e em suas obras, algo da minha própria singularidade. O que une artistas, seus fãs e suas obras é uma questão de refletir os mesmos pontos de vista sobre determinados aspectos da vida.

Mesmo tendo sido formada num bacharelado (tipo de licenciatura) em Relações Internacionais, acabei não trabalhando nessa área à altura. Trabalhava como jornalista em um telejornal da Rede Globo Brasília em 2011 quando decidi fazer uma pós-graduação. Depois de muito considerar, preferi não estudar sobre jornalismo, mesmo sendo essa uma área de estudos que me traria retorno financeiro garantido e imediato, visto que eu já trabalhava na área. Ouvi meu coração e minha intuição e decidi fazer uma pós-graduação na área de cultura e criação, relacionada às artes visuais. E essa escolha mudou definitivamente o rumo, a trajetória não só dos meus estudos, mas de todos os aspectos da minha vida.

Embora já trabalhando com fotografias há alguns anos, ao cursar esta pós-graduação e estudar desde as bases, história e conceitos sobre moda, design, cinema e fotografia, percebi o quanto eu ainda não sabia sobre essas áreas e quanto cada uma delas me interessava. Estudei cada unidade curricular, cada referência com afinco e após quase dois anos de aprendizagem, ao final do curso, o que me restava claro era que eu precisava conhecer (muito) mais de artes. Como, mesmo precisando trabalhar muitas horas por dia, poderia me dedicar também às artes? Pensei, ponderei diversas maneiras e possibilidades. Parecia impossível. Mas percebi afinal que seria errado, seria uma traição a mim mesma não dedicar ao menos parte de minha vida à arte. Mesmo parecendo uma decisão a princípio insana para quem trabalha quarenta horas semanais, decidi fazer um novo exame para iniciar uma nova licenciatura na Universidade de Brasília. Seriam mais quatro anos de estudos para, ao final, chegar a um patamar acadêmico inferior ao de aluna pós-graduada, em que eu já me encontrava.

Entrei no curso de Artes Plásticas na Universidade de Brasília em meados de 2014. Mesmo com todos os desafios de ser estudante e trabalhadora, mesmo com tantas noites sem dormir, mesmo tantas vezes tendo deixado de ver a família ou amigos, tenho certeza de que essa foi das decisões mais acertadas da minha vida. Nessa licenciatura aprendi mais sobre história da arte, aprendi a pintar, esculpir, desenhar e principalmente a pensar artisticamente. Meu ponto de vista em relação ao mundo havia se ampliado enormemente com estes aprendizados. Senti que demorei tempo demais até perceber que minha vida ganharia sentido especial se dedicada à arte. Mas fico feliz em ter chegado a essa decisão. Ainda em 2014 entrei num grupo de pesquisas da pós graduação sobre maneiras de ver, onde fui orientada pela fotógrafa Denise Camargo. Foi no âmbito dessa pesquisa que comecei voluntariamente a dar aulas de fotografia a pessoas cegas.

Já em 2016, fiz um intercâmbio em cinema na Université Lumière Lyon 2, na França, onde concluí os estudos de 5 unidades curriculares sobre fotografia e história do cinema. Estudei intensamente, li livros sobre imagens e tive muitas referências fantásticas dos mais importantes fotógrafos e cineastas da história. Meu olhar para o mundo foi mais uma vez expandido, ampliado de maneira irrevogável. Foi como se, a partir destes estudos, meus olhos estivessem permanentemente em estado de cinema.

Foi na biblioteca Braille de minha cidade de Taguatinga, que desenvolvi entre o fim de 2014 e o início do ano de 2020, um método para ensinar fotografia e artes visuais a pessoas cegas adultas invisuais. Era a primeira vez em Brasília e no Distrito Federal que alguém desenvolvia esse trabalho. Minha principal missão ali era explicar as limitações do olhar para quem, por exemplo, nasceu cego, pois para essas pessoas a percepção funciona sempre à 360°. Quem nasceu cego ouve, sem limitação alguma, sons de quem está em qualquer ambiente da sala. Sente sensações táteis, térmicas e, às vezes, percebe luminosidade ou escuridão no ambiente. Cheguei a ouvir a pergunta de quem segurava pela primeira vez uma câmera fotográfica apontada para os colegas: “Quem vai sair na foto são eles, é você, sou eu mesmo ou todos nós?” Então eu explicava, como que moldando as mãos deles, qual era o alcance lateral aproximado de cada lente. Depois de muita adaptação e criação de um método próprio, cheguei a poder inscrever alguns dos meus alunos cegos como fotógrafos na exposição em comemoração ao mês da fotografia de Brasília. Considerando essa uma grande vitória não só a nível pessoal, mas construída coletivamente.

A esta altura, além do meu emprego como fotógrafa do Ministro do Planejamento do Brasil, que me tomava quase dez horas por dia em funções técnicas relacionadas à imagem e som, trabalhava também voluntariamente na Galeria de artes visuais Espaço Piloto, na Universidade de Brasília, onde eu era a equipe de acessibilidade, tendo realizado visitas guiadas com artistas à grupos de pessoas cegas. Fui convidada algumas vezes para fazer acessibilidade de exposições de artes visuais em outras galerias de artes e mesmo no Museu Nacional do Brasil. Nesse sentido, já havia desenvolvido um método para perfurar imagens para mostrar de maneira tátil aos cegos, as fotografias feitas por eles durante os exercícios fotográficos. Nessa técnica eu pontilhava com marcações táteis os pontos da linguagem visual que eu pretendia destacar na fotografia. Era como desenhar, de maneira tátil, os planos e enquadramentos presentes nas imagens. Afinal, tornar as imagens táteis era uma espécie de tradução da linguagem visual para a linguagem tátil. Fui requisitada a criar uma oficina sobre essa técnica, dedicada a professores de ensino especial. Cheguei a oferecer a oficina algumas vezes em Brasília e fui convidada também para ofertá-la em um congresso acadêmico internacional sobre Tradução na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, também no Brasil. Fui solicitada ainda outras vezes a dar outras oficinas

com esse conteúdo e também mais oficinas de fotografia para pessoas cegas em outras cidades do Brasil, mas surgiu a pandemia e me mudei de país, para vir estudar na Universidade de Évora. (Fig. 1).



Fig. 1 – Hoana Gonçalves. Meu olho recém chegado á Évora. Portugal, 2020. Fotografia digital clicada por Ronald Nascimento Felipe. Coleção da autora.

Essa trajetória formou grande parte do meu olhar, da minha perspectiva do mundo antes de chegar a Évora. Ter chegado a esta cidade me trouxe uma série de novos desafios e pensares. Entre eles, o desafio de perceber e fazer perceber minhas primeiras intenções para pesquisa de mestrado:

1.2. PONTOS DE VISTA

Meu ponto de partida é a investigação artística enquanto uma sistematização do pensamento. A intenção primeira para o meu trabalho se dedica a comunicar quais olhares compõem determinado olhar, ou seja, como pode funcionar a formação do ponto de vista pessoal de uma pessoa. De onde as opiniões vêm? Ao buscar rapidamente num site de significados, a palavra:

Opinião é um substantivo feminino que significa a manifestação de uma forma de ver, representando o estado de espírito e a atitude de um indivíduo ou de um grupo em relação a um determinado parâmetro ou realidade. “Significado de Opinião”(2014)

Desse modo, a forma de ver estaria ligada à atitude individual que, somada às informações que a pessoa tem sobre um assunto, levaria a construção pessoal da noção que cada pessoa tem de uma determinada realidade. Cada ponto de vista (cada pessoa) seria então um ângulo único. E tal ângulo é passível de mudanças e transformações.

Diante da infinita diversidade de ângulos de pontos de vista, tornar-se ia impossível estudar a cada um deles ou mesmo buscar um recorte em que pudesse estudar uma amostra suficiente para prever o todo. Sendo assim, decidi definir a amostra inicial do campo deste estudo no meu próprio olhar. Na mira de demonstrar o que se passa no interior do outro, meu ponto de partida é dentro de mim mesma: até que ponto minhas opiniões pessoais teriam sido condicionadas e influenciadas por outros? Certamente minha maneira de ver foi influenciada pelas maneiras de ver de pessoas próximas a mim desde a mais tenra infância: pela família, por amigos, pela sociedade de maneira geral, pelas músicas que ouço e ainda por instituições como a escola, a igreja, o estado etc. O mesmo processo acontece aos olhos quando os acostumamos a ver certas paisagens ou imagens. Merleau Ponty escreve em *O olho e o espírito*: “*Quando olho para a piscina não vejo apesar da água, vejo através da água*” (2014 p.7) Enxergamos através de nossas referências visuais como se estas fossem filtros que estariam sempre à frente dos nossos olhos e fazem toda a diferença em **como** se vê.

Tendo em mente que meu ponto de vista pessoal é condicionado e influenciado por outros, seria ele moldado principalmente pelas pessoas e coisas que mais gosto ou seria também moldado em igual proporção pelas que detesto?

Qual o papel que a arte - que sempre me afeta enormemente - pode ter na construção do meu próprio olhar? Segundo Karl Marx, “*a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui.*” (2004 p.110). Penso que, no meu caso, a história do mundo que influencia meus sentidos é a conhecida história do mundo ocidental acrescida de sensações e histórias do mundo americano de milhares de anos atrás. Mesmo aquelas histórias que me foram passadas nas entrelinhas através de culinária ou outros hábitos e que, a rigor, eu formalmente não saiba identificar.

Ainda que o termo “pontos de vista” não seja sempre utilizado, **pensar as maneiras de ver** talvez tenha sido um dos exercícios favoritos da arte contemporânea. E, se alguns acusam a arte contemporânea de uma falta de sentido ou de ser elitista, a minha arte tem a meta de habitar o simples. Tem a meta de estar tão longe da noção ocidental de arte ou estética como as artes primeiras, em especial a arte indígena da América Latina anterior ao século XV que era exclusivamente dedicada ao momento presente. Me interessa a visão dos povos originários do Brasil e, assim como eles, estou mais interessada em me fazer melhor enquanto ser humano e talvez em elevar outros seres humanos do que na aparência estética das imagens que produzo. Quero que minha arte seja, acima de tudo, funcional.

Essa possível influência pessoal do meu próprio ponto de vista em relação à coletividade se apoia na definição de que não existe fronteira entre mim e o outro. Tal ideia, comum a povos nativos em diversas regiões do planeta, inclusive do Brasil, foi também representada na Índia antiga e moderna “Em particular, é um lugar comum dizer assim, na filosofia vedânica identificar o par consciência pessoal / consciência suprapessoal com o par onda/oceano.” Livremente traduzido por mim (Hulin, 2007, p.26). Ou seja, se apresentam nessa filosofia, várias metáforas que relacionam a consciência pessoal ao que seria uma onda no oceano. E o oceano, nesse contexto, seria a representação da consciência coletiva, uma onda que eleva por seu próprio impulso e cai por sua própria fragilidade.

1.3. MANEIRAS DE VER

Pensar nas maneiras de ver se faz essencial nesse momento do mundo pois hoje em dia, na cultura em que vivemos, as pessoas são normalmente

bombardeadas a cada dia por uma imensa profusão de imagens. A sociedade já se acostumou a ver centenas (talvez milhares) de imagens por dia, sejam publicitárias nas ruas, em redes sociais, ou aquelas que escolhemos ver na televisão, videogames ou revistas para passar o tempo. Tantas são as figuras vistas por dia que os olhos parecem se confundir e algumas vezes chegam ao ponto de não compreender exatamente o que estão a ver.

Minha ideia é de, através da minha pesquisa e de minha obra, poder fazer contaminar e expandir outras visões. É de ampliar a consciência pessoal de quem fruir de minha obra no sentido de, que se perguntem intimamente, como se constituem suas opiniões.

Para isso, investigo e tento mostrar meu próprio olhar, que é o que mais conheço. Pretendo alongá-lo e expandi-lo e por vezes ofuscá-lo e confundi-lo para perceber as limitações, vícios e possibilidades de expansão em sua percepção. Ao pensar sobre o assunto e suas possíveis representações visuais, surgiram alguns esboços e alguns desenhos que fiz sobre livros e catálogos que estavam disponíveis para doação na Biblioteca da Universidade de Évora. (Fig. 2)

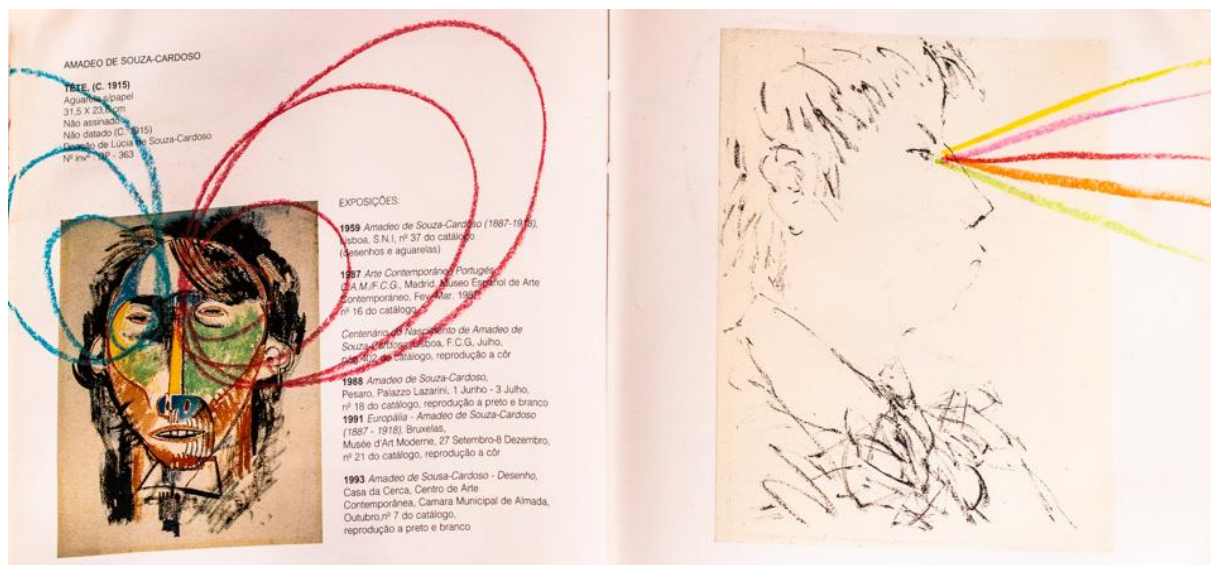


Fig. 2 – Hoana Gonçalves. Intervenções imaginativas sobre um livro que me foi doado. Portugal, 2020. Fotografia digital e desenho feitos pela própria artista. Colecção da autora.

Uma das minhas maneiras favoritas de exercitar meu ponto de vista é ler obras de antropólogos. Muitas vezes sinto-me a ver o mundo usando os olhos de outras culturas como lentes. Ler Els Lagrou discorrer sobre arte indígena faz perceber o que seria o mais próximo da ideia de arte e estética para indígenas. De

acordo com o ponto de vista dos povos indígenas estudados pela autora, estética e ética são uma só coisa, instrumentalizados não apenas para produzir artefatos, mas no agir social. O foco estaria sempre na ação, na intenção, no agir constante. O ato de produzir algo belo estaria voltado para a composição e molde do corpo e da pessoa enquanto ser humano.

Pela divergência de pontos de vista, parece ser desafiador explicar a ideia ocidental de arte aos indígenas que certamente iriam considerar que todas as pessoas são artistas, afinal todas as pessoas de alguma maneira fazem e mantêm algo estético. Como explicar a eles que alguns objetos são selecionados para ficar em museus de arte e outros, ainda que mais belos, não?

Segundo Leonardo Boff, todo ponto de vista é apenas a vista de um determinado ponto (2021, p. 01). Claro que cada perspectiva é única e pessoal, mas o que mais me interessa aqui é refletir, a partir da minha própria perspectiva, onde pontos de vista convergem, moldados social ou institucionalmente. Me interessa pensar sobre como minha perspectiva pode ter sido moldada por outras perspectivas como de ídolos e amigos que eu tenha tido ao longo da vida, instituições como escola, igreja, ou mesmo de minha família, etc.

A partir disso, quero inspirar pensamentos que possam expandir outras perspectivas individuais. Se, segundo Flusser, usamos a tecnologia com uma mente ainda pré-histórica, certamente é possível que existam também informações que ao serem propagadas através de tecnologias, atravessariam o véu da consciência de toda uma determinada população de maneira a modificar o estado da consciência coletiva. Desta maneira funcionam as *Fake News* – notícias falsas divulgadas repetidamente – que deram o tom às eleições presidenciais dos Estados Unidos no ano de 2018. Depois de propagar uma série de inverdades para que fosse eleito, Donald Trump passou a se referir às notícias que desagradassem a ele com o mesmo termo: *Fake News*. (segundo matéria da BBC, 12 Nov. 2018).

Pensar pontos de vista se faz ainda mais necessário nos dias atuais porque há profissionais especializados em comprometer e alterar como as pessoas vêem o mundo. Tanto que o termo “fake news” é, em si, enganoso. O mais correto seria “comportamento inautêntico coordenado” (Lemos para Folha de S. Paulo, 19 Set. 2021)

As **opiniões em massa** e até mesmo a maneira como estas opiniões são medidas e divulgadas; assim como o funcionamento do fluxo dessas opiniões são

objetos de estudos de cientistas nas mais diversas áreas. Entender como as pessoas (e suas convicções) são afetadas por esses fatores e no que essas opiniões afetadas resultam é, a meu ver, das questões mais valiosas da atualidade.

Se a arte contemporânea é feita da matéria (no sentido do **elemento** denso que constitui o universo) do que é mais decisivo numa época, as matérias (no sentido de **artigos**, reportagens) jornalísticas devem ser matéria (**assunto**; substância; tema; objeto de estudo ou de investigação) da arte que desejo elaborar. Questões sobre como a borda de cada percepção individual funciona, como se juntam essas opiniões numa espécie de efeito de massa e ainda, questões sobre as diversas modificações dos olhares me parecem ser o que está em jogo na época presente. Portanto é a partir dessas noções que a minha arte pode atuar. É nesse lugar onde posso - e, portanto, devo - almejar fazer alguma diferença enquanto cresço e me estruturo enquanto artista, enquanto jornalista e enquanto ser humano.

1.4. O COSMOS NO TEU OLHO (OU A SER COMPLETADO COM A SUA OPINIÃO)

Já que apenas o olhar do espectador completa a obra, um olhar atento e alguma intenção podem dar o tom a qualquer mensagem. A partir da essência deste conceito surgiu minha primeira obra no âmbito deste mestrado. A criação se trata de uma intervenção: um recorte e um espelho fixado com fita cola, sobre uma enciclopédia já desatualizada. A mesma já se encontrava sem uso e por isso foi disponibilizada pela Biblioteca da Universidade. Escolhi o volume ao acaso entre todos os outros da coleção.



Fig. 3 – Hoana Gonçalves. Detalhe da obra *O cosmos no teu olho*. Portugal, 2020. Fotografia digital. Revista INVERSO.

A intenção era a de criar uma peça artística que fizesse o olhar do espectador se encaixar a ela. Por isso criei esta espécie de livro objeto que convida o espectador a participar da obra em si, não só a partir do que ele estaria a ver ao presenciá-la, mas também através da experiência sensorial de manuseá-la, passar as páginas e de pensamento incitada por uma instrução afixada junto a esta criação. (Fig. 3)

Procurei expandir o conceito de Umberto Eco sobre obras de arte consideradas abertas (2016): Na era das bolhas criadas por algoritmos na internet, o espectador vê informações cada vez mais incompletas e fragmentadas. Cada informação se completa com o olhar do espectador e assim nascem as opiniões, formadas por sentidos e experiência de quem vê. Longe de sermos meros espectadores dos significados e sentidos do que vemos, somos ativos em nossos pontos de vista (cada um formado individualmente pelo somatório de experiências, critérios e lastro cultural). É a partir daí que damos um significado particular a cada notícia, a cada aula, ao que vemos nas redes sociais, a cada livro que lemos etc. Desse modo, essa enciclopédia desatualizada que utilizei como base para a peça,

convida a uma atualização de olhar de quem a observa para que se torne uma obra completa: “Afinal o que cada termo definido aqui significa para você?”

Invoco a crença que povos nas mais antigas e diferentes culturas tinham no poder das mensagens de livros, que muitas vezes eram lidas como um sinal místico. Solicito numa instrução, que o espectador feche os olhos, pense num tema da sua vida, escolha aleatoriamente uma página da enciclopédia, abra os olhos, abra o livro e acredite na mensagem. A mensagem percebida certamente terá vindo da intenção de quem, ao seguir a instrução ali, procurava uma resposta. Ou seja, a interpretação veio de seu propósito ao fazer a pergunta. Na ficha técnica da obra lia-se: “**Em tudo o que lê, em tudo o que vê, está também a força do ângulo único que é o teu olhar.** Tua maneira de ver vai completar o que está a ser visto.” E, na parede acima de onde estava a obra, estava a seguinte instrução: (Fig. 4)

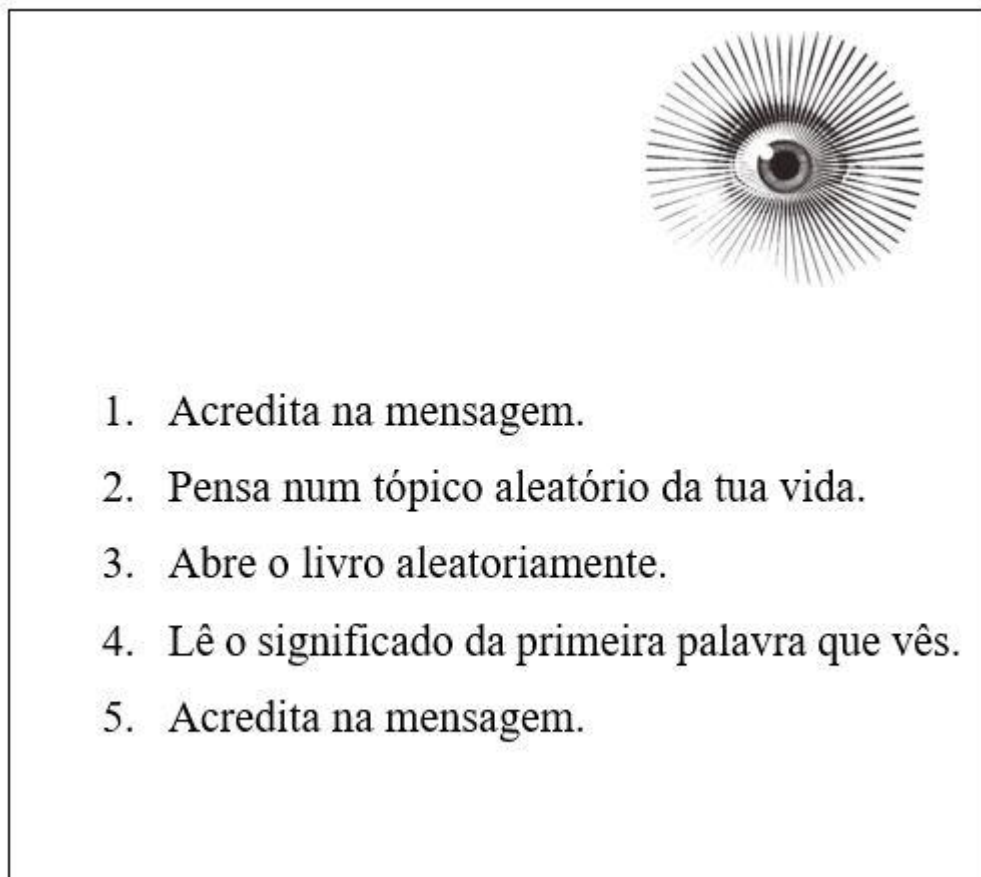


Fig. 4 – Hoana Gonçalves. Instrução exposta junto à obra O cosmos no teu olho. Portugal, 2020. Imagem digital. Coleção da autora.

Segundo Els Lagrou, para diversos povos indígenas originários do território que chamamos hoje de Brasil, o corpo e a própria pessoa são como artefatos moldáveis, esculpíveis, produzíveis e decoráveis. (2009). A função da arte neste contexto é a de alimentar o corpo e o espírito, uma verdadeira forma de nutrir que possa levar cada pessoa a ser a melhor versão de si. Esta é uma construção social cultural já tão estabelecida para eles que chega a ser vista pelas pessoas destes povos como uma verdade. Afinal, quando se vive dentro de uma construção social já firmemente estabelecida, tal elaboração torna-se **invisível**.

Se nenhuma palavra tem significado definitivo no que diz respeito à arte, muito menos significados definitivos têm as imagens. Representar visualmente uma ideia é um enorme desafio. Enquanto artista produtora de imagens, devo contar com a curiosidade que o espectador muitas vezes sente em buscar maiores informações sobre determinada obra. (Fig. 5) Penso que seja fundamental ao artista ter uma cumplicidade entre a sua obra e o sujeito que a vê. Por isto se faz necessária a escolha de símbolos que possam ser capazes de representar uma realidade visível, manifesta e compreensível e assim, diminuir a distância entre a obra e o espectador.



Fig. 5 – Hoana Gonçalves. Detalhe da obra *O cosmos no teu olho*. Portugal, 2020. Fotografia digital feita pela autora. Coleção da autora.

Imageticamente, nas obras que produzi no âmbito da pesquisa deste mestrado, a minha pretensão foi a de explorar os simbolismos em torno da imagem do olho, utilizado não só em seu sentido físico, mas também no sentido metafísico: uma representação dos olhos da alma, do coração. Foi neste sentido que optei, em muitas das obras que fiz no âmbito desta pesquisa de mestrado, por usar imagens em formato de olho como símbolo da percepção que vai muito além dos olhos físicos.

Esta obra esteve exposta em 2021 no Colégio Espírito Santo no contexto de uma exposição coletiva em homenagem ao dia do livro, feita por alunos de artes da Universidade. E novamente no ano seguinte, no mesmo local, no contexto de minha exposição individual chamada *O olho e o brilho*.

1.5. O OLHO - EYE

O olho é considerado há séculos e nas mais diversas culturas, tanto no ocidente quanto no oriente, um símbolo da percepção. Em mitos, histórias clássicas

e mesmo na bíblia existem diversas citações sobre pessoas que mesmo cegas, possuíam algum tipo de percepção fora do normal, uma visão além. Hoje em dia, mesmo os telemóveis conhecidos como smartphones tem o olho como **símbolo** de acessibilidade na função em que o usuário pode tirar os olhos da tela para pausar o vídeo que esteja em curso.

Uma representação nunca será tal qual o real. Uma imagem nunca alcançará o todo do que relata. Segundo John Berger,

(...) estamos diante de um problema que persistiu ao longo de toda a tradição. Quando os símbolos metafísicos são introduzidos (e os pintores posteriores introduziram, por exemplo, caveiras realistas como símbolos da morte), seu simbolismo muitas vezes não é convincente, não é natural, devido ao materialismo estático e inequívoco do processo pictórico (1972, p. 91) Livre tradução ¹

Isto posto, meu trabalho de práticas artísticas em artes visuais faz imprescindível escolher um símbolo para as **portas da percepção**. Segundo Meneghetti, “O olho é um símbolo da percepção das coisas, entendido como o elo entre o mundo interior e o exterior – por isso, também é ligado à clarividência. Muitas doutrinas entendem que ele é capaz de liberar energias positivas e negativas...” (2018, p.1). Entre os exemplos mais clássicos está o olho grego, usado como talismã de proteção contra más energias. No antigo Egito, o olho de Hórus também era visto como um talismã de proteção, muitas vezes pintado nos túmulos para ajudar ao morto a encontrar seu caminho além vida.

Outro símbolo utilizado nas mais diversas culturas é a figura de um olho localizado na testa entre os olhos, conhecido como terceiro olho. O mito hindu Shiva tem um terceiro olho. Segundo James Hall, “O deus chinês do fogo é Chu Jung. Como Shiva, ele tem um terceiro olho no meio de sua testa” Livre tradução. (2018, p. 100). Pessoas praticantes do budismo costumam fazer uma espécie de marcação dourada na testa de pessoas, no mesmo local do terceiro olho, conhecida como olho de Buda. Esta marcação também é indicada nos túmulos para ajudar aos mortos enxergarem o caminho espiritual após a morte.

Na arte cristã, dois olhos num prato são atribuídos à Santa Lúcia. É também um olho, o símbolo do Deus o Pai; esse olho pode ser emoldurado num triângulo, a

¹ Todas todas as traduções livres são de minha autoria

Trindade. A representação de um olho dentro de um triângulo que pode ser encontrado estampado nas notas de Dólar, é conhecido como *O olho que tudo vê* - símbolo do Deus que tudo vê. Segundo Bruce-Mitford livremente traduzido: “A trindade cristã pode ser representada por um triângulo, às vezes emoldurando um olho, símbolo de Deus, o Pai. O halo às vezes é triangular.” (1996, p. 72). Os olhos eram amplamente representados nas artes primeiras – artes visuais consideradas primitivas, vindas de comunidades sem as noções de arte ou estética definidas de acordo com as definições europeias. Muitas vezes os índios latino americanos utilizam a fruta do guaraná, que se assemelha a um olho, em rituais como representação de um sentido visionário.

1.6. ONTOLOGIA DO OLHO

Inspirada nas diversas representações históricas, escolhi usar o formato de **olhos** para representar a visão além dos olhos em minhas primeiras experimentações para criação de imagens no âmbito desta pesquisa de mestrado. O conceito que eu tinha em mente era o de que cada ponto de vista, cada pessoa, é formada por uma profusão de olhares.

Pesquisei imagens de olhos minimalistas e básicos e as coloquei sob um fundo completamente escuro na intenção de projetar e fotografar a profusão de pequenos olhos no meu próprio corpo. Com as imagens já editadas, pensei na sessão com dois projetores no estúdio da Universidade. No dia marcado, uma colega de mestrado pediu para me acompanhar e ver o que estaria a fazer pois ela não estava familiar com projeções sobre corpos. Afinal, como o tempo em estúdio era curto, a colega se ofereceu para ajudar a clicar as fotos, que dirigi, produzi e posei enquanto modelo ativa. (Fig. 6)

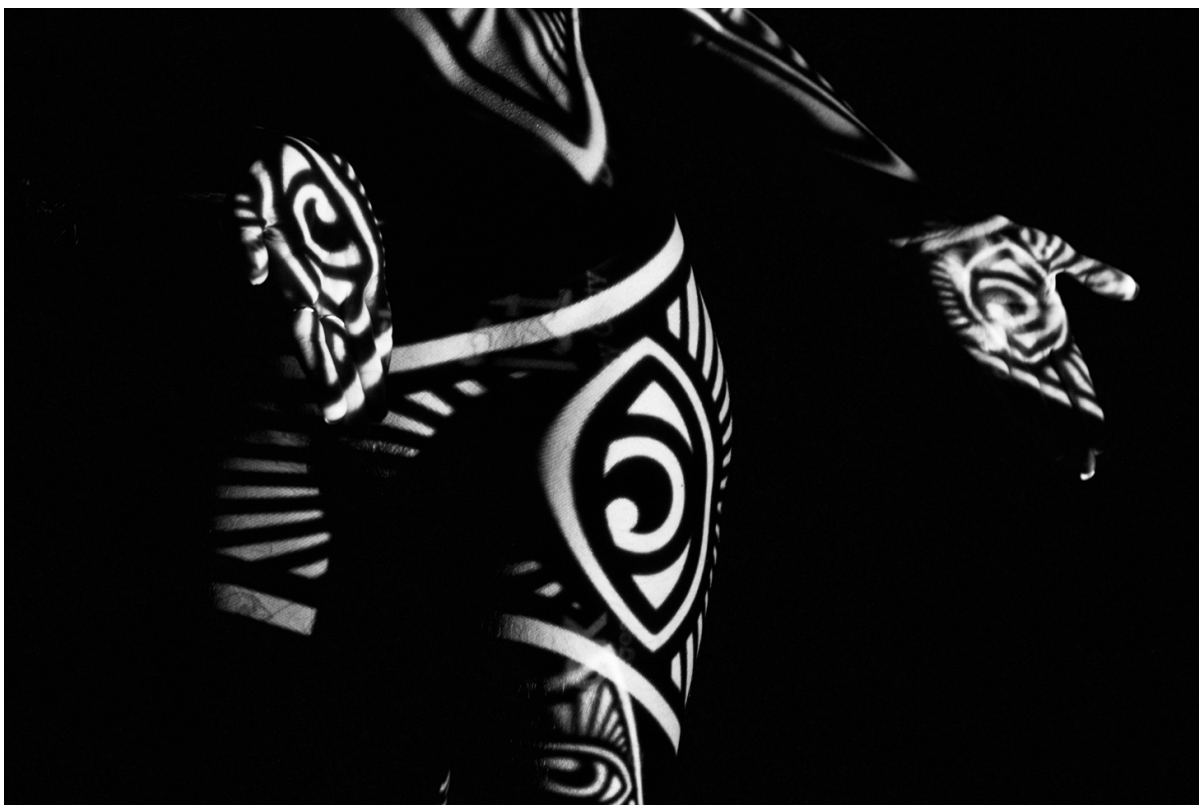


Fig. 6 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana. Portugal, 2020. Fotografia digital dirigida e editada pela autora e clicada com ajuda da colega de mestrado Ivna. Coleção da autora.

Me dediquei à edição e tratamento das imagens de maneira a tornar quase toda a extensão do quadro totalmente negra. Ao final do processo, algumas das imagens já davam alguma ideia do que eu quis representar: uma série de olhares a moldar uma pessoa, um corpo. Particularmente ao tentar ideias do técnico do local e da colega que acompanhava, percebi principalmente o que não deveria ser feito relativamente às projecções para que meus objetivos fossem alcançados e que seria o ideal fazer as próximas sessões com o mínimo possível de outros olhares presentes. O passo mais importante alcançado nesta primeira sessão foi ter percebido visualmente o que eu queria desta representação visual, de como alcançar certos resultados. (Fig. 7)

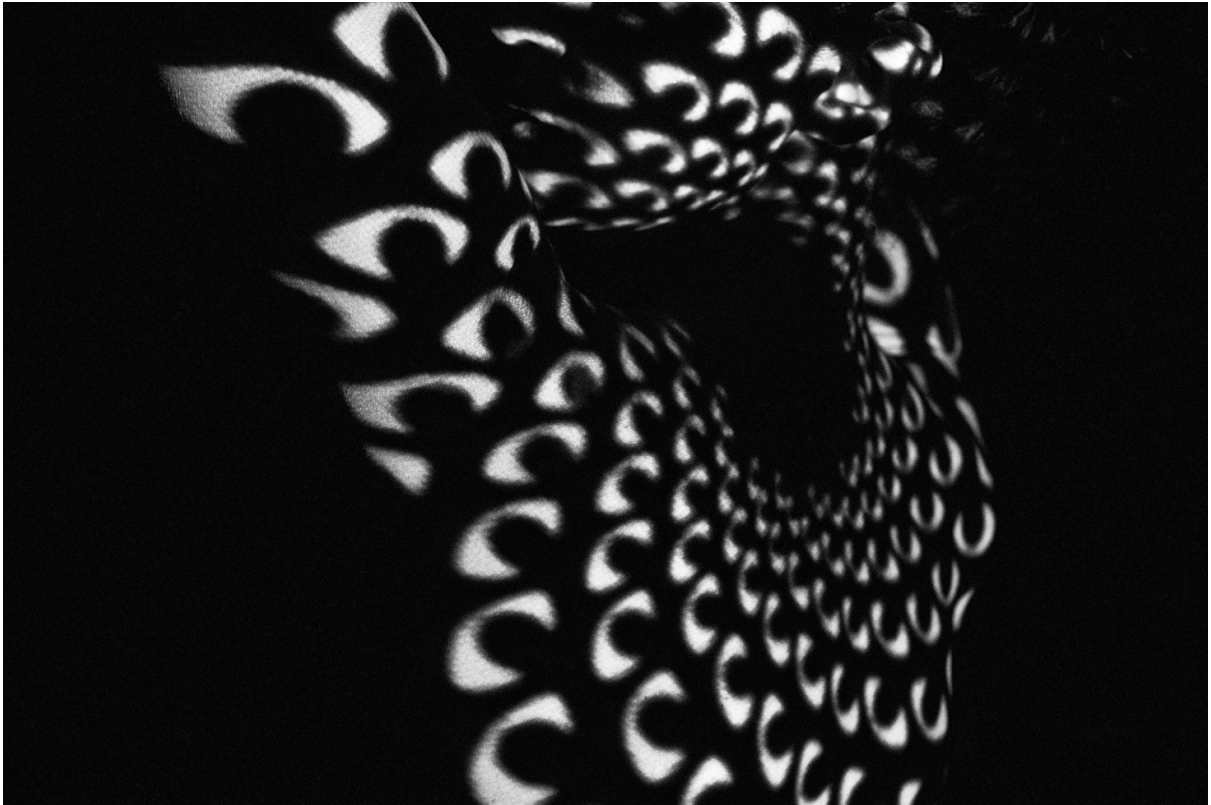


Fig. 7 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana. Portugal, 2020. Fotografia digital dirigida e editada pela autora e clicada com ajuda da colega de mestrado Ivna. Colecção da autora.

CAPÍTULO II – VISÍVEL E INVISÍVEL: SABER VER A BELEZA

2.1. VISÍVEL E INVISÍVEL

Entre as diversas maneiras de ver, está a possibilidade de, mesmo em plena capacidade visual ou de percepção, não ver o que está logo ali adiante. Muitas vezes ao se deslocar por um caminho quotidiano se **enxerga** mais sonhos acordados ou com os olhos da memória do que se enxerga os pormenores que estavam ali concretamente no caminho. Ou seja, diante da dimensão enigmática de cada espectador, existe até mesmo a possibilidade de que certa imagem ou fato seja completamente invisibilizado, desconsiderado. Mesmo com pleno acesso a olhos funcionais, cada imagem contida em uma determinada obra pode simplesmente não ser vista, não ser notada.

Se a cognição pessoal de cada indivíduo é uma forma de organização do mundo, perturbações da visão podem acontecer também no campo do conhecimento: mesmo acontecimentos ou ideias pacificadas mundialmente há séculos e factos exaustivamente documentados há décadas estão a ser cada vez mais contestados por pessoas nos últimos anos. Um exemplo atual é que no Brasil, em meio a uma grave pandemia mundial, há profissionais da saúde que se recusam a ser vacinados contra a COVID-19 por “motivos ideológicos”. Negacionistas rejeitam a validade de conceitos apoiados por consenso científico ou empiricamente verificáveis. Seria uma escolha pelo não-ver? Uma auto-privação de certo raciocínio ou do próprio sentido da visão?

Segundo Raimundo Martins, cultura visual seria “*a totalidade de imagens e artefatos produzidos que moldam nossa existência*”. Pontos de vista seriam então moldados principalmente por uma questão cultural. Seria possível então existirem **alucinações coletivas**, espécies de massivas deturpações de pontos de vista. À vista disso, possivelmente **ações culturais** estão ligadas ao facto de pseudociências e pensamentos conspiracionistas terem surgido cada vez em maior número, com as mais diversas noções: desde que a visão de que o planeta Terra é plano, passando por quem não acredita em mudanças climáticas, chegando até ao movimento anti-vacina. Como a pesquisadora Natalia Pasternak afirmou em entrevista ao canal de notícias da Globo: (Veiga, 2020)

Quando ignoramos problemas como o terraplanismo, achando que é uma piada e ninguém sério vai acreditar nisso, deixamos de perceber que muitas vezes esse tipo de pensamento conspiratório é o mesmo presente no movimento antivacina, no negacionismo [da mudança] do clima. São pensamentos muito parecidos. Não é o movimento que precisamos combater, mas o tipo de pensamento mágico ou conspiracionista. Agora, durante a pandemia, a desinformação ganhou um corpo que era impensável antes e acaba gerando problemas de saúde pública (Veiga, E. 2020. parágrafo 7).

Além do negacionismo, outras práticas e processos de invisibilização sempre ocorreram socialmente e até mesmo institucionalmente em relação a classes sociais, etnias, gênero etc. Em vista disso, me pergunto regularmente em que aspectos eu poderia apurar minha visão e busco estudos etnográficos para apurar meu próprio ponto de vista sobre os mais diversos aspectos.

Se para o antigo filósofo Platão, o termo ideia significa o que pertence à visão, à visibilidade, é vendo que organizamos as informações que temos e criamos a evidência – que é inclusive outro termo curioso que além de significar fazer algo ficar claro, soa como “vidência” - dom sobrenatural atribuído a certas pessoas, de ver o passado, o futuro, objetos ausentes ou existentes apenas em outros planos de materialidade.

Em tempos repletos de informações seria então possível, através de elementos visuais, a existência de um processo de invisibilização, no sentido de desorganização proposital de ideias culturais ou coletivas? Poderia existir então uma imagética da **alucinação cultural**? Poderiam existir estudos dedicados a isso, por exemplo, no campo da publicidade e neurociência?

Um exemplo de invisibilidade social palpável claramente existente, que quem vive em grandes cidades certamente já presenciou, é a cena de moradores de rua deitados ao chão enquanto dezenas de transeuntes passam por eles sem lhes lançar sequer um olhar. Esse tipo de invisibilidade pode ser facilmente percebido em relação à gênero, cor de pele, sexualidade ou ainda sobre pessoas com deficiência, trabalhadores informais, idosos, obesos, etc. Enquanto artista pretendo me utilizar, de alguma maneira, do invisível como opção estética em minhas obras de artes

visuais. Usarei o visualmente imperceptível ou visualmente distorcido como representação de uma visão deturpada, a exemplo de pessoas que são socialmente invisibilizadas ou factos que foram historicamente invisibilizados.

Pictoricamente, minha intenção foi a de criar imagens que contivessem o **invisível** em si. Talvez tal efeito seja possível através da manipulação do visível até que este se torne invisível. E assim, abrir um túnel no que há de visivelmente mais concreto em direção ao (mundo) invisível.

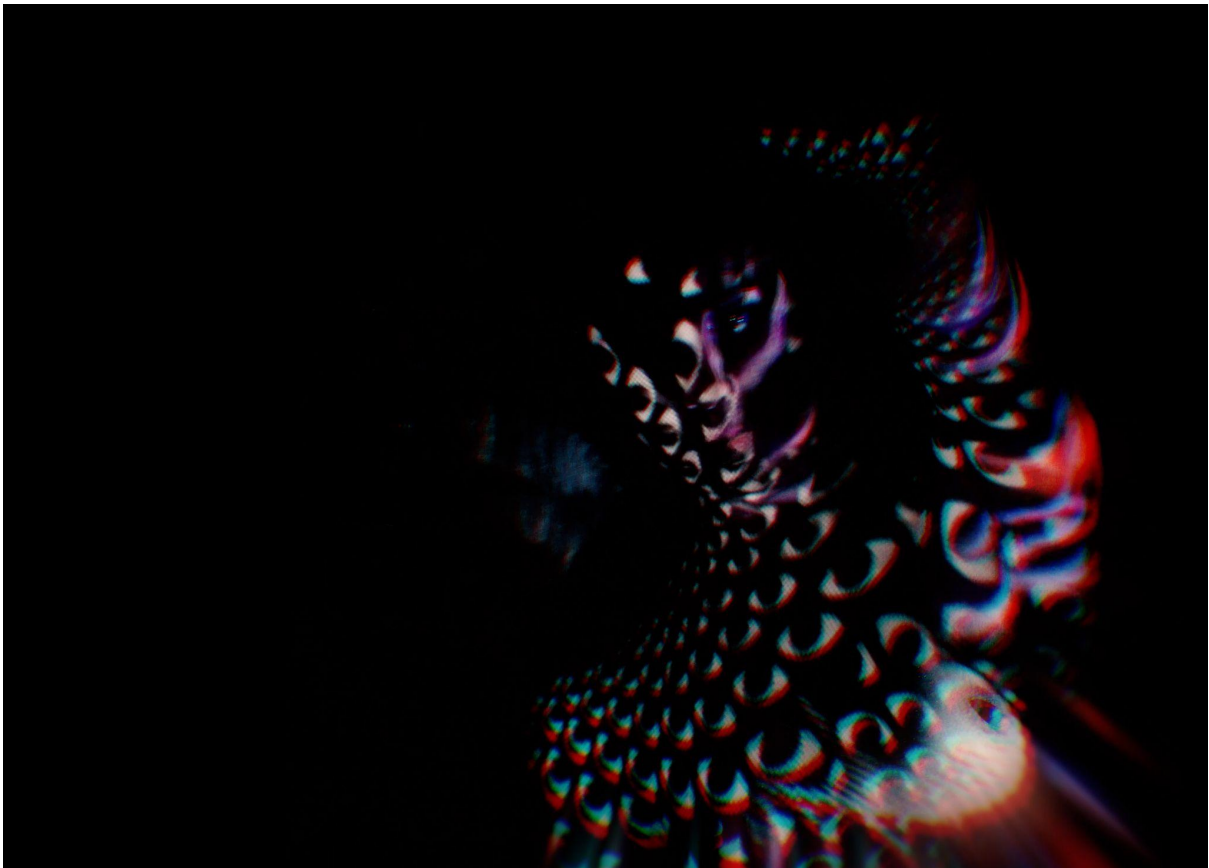


Fig. 8 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana . Portugal, 2020. Frame de vídeo gravado e produzido pela própria autora e editado com ajuda do técnico da Universidade, Miguel Machado. Colecção da autora.

Com a mesma inteligência contida no conhecimento do uso dos silêncios pelos músicos e à exemplo do fundo silencioso do oceano, pretendo usar uma espécie de matéria visual escura para criar imagens onde o **não-ver** esteja para a visibilidade assim como o silêncio esteja para a música. (Figs. 7-8)

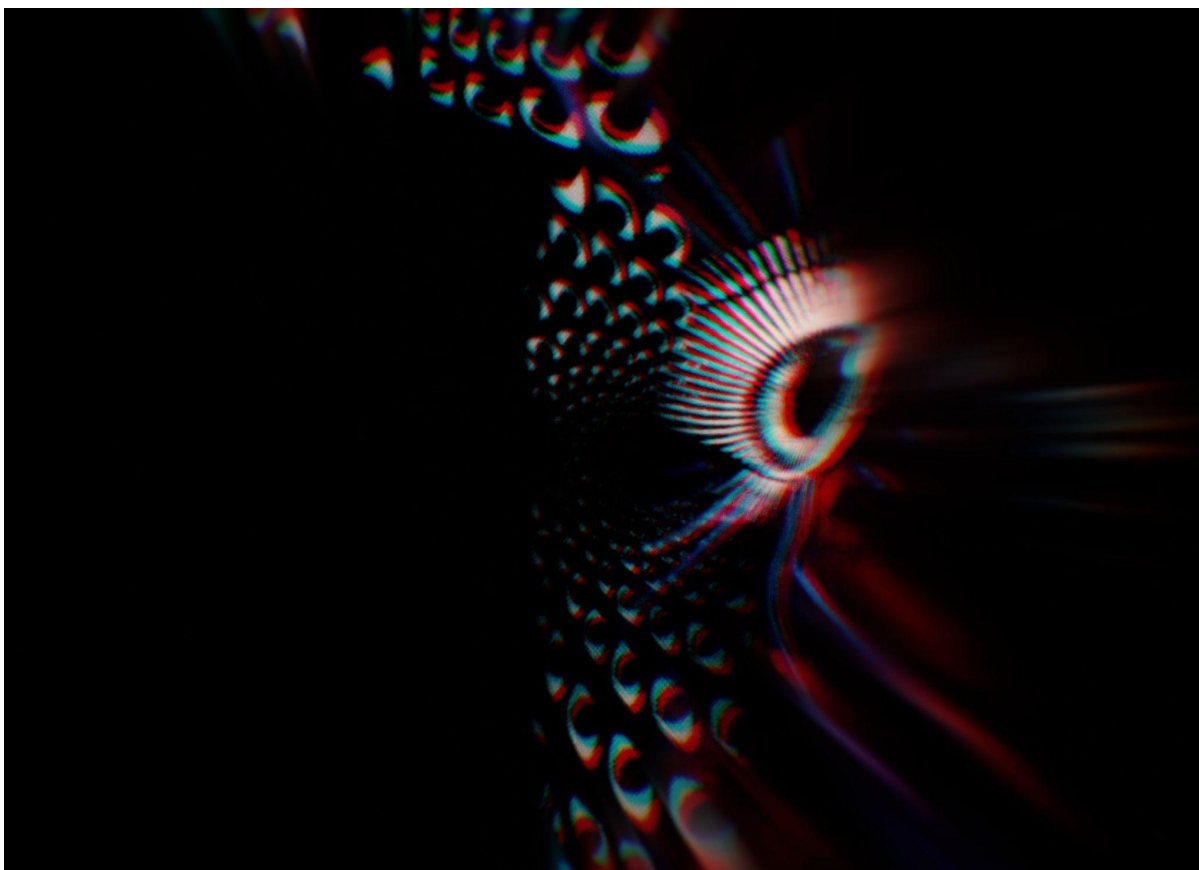


Fig. 9 – Hoana Gonçalves. Performance feita por Hoana . Portugal, 2020. Frame de vídeo gravado e produzido pela própria autora e editado com ajuda do técnico da Universidade, Miguel Machado. Colecção da autora.

2.2. OLHAR A OLHAR

Sou a soma de todos os olhares que passaram por mim: pontos de vista são formados olhar a olhar. A perspectiva, o ângulo de visão único de cada pessoa é moldado por diversas outras perspectivas, de familiares, instituições, pelas músicas que se ouve, etc. Como se o corpo de cada pessoa fosse formado de inúmeras camadas de concepções de outras. No anseio de visualmente representar essa ideia, vesti meu próprio corpo de luzes que eu mesma formei com uma profusão de imagens de olhos. O resultado foram quatro telas que imprimi com um metro de largura. (Fig. 10-14)

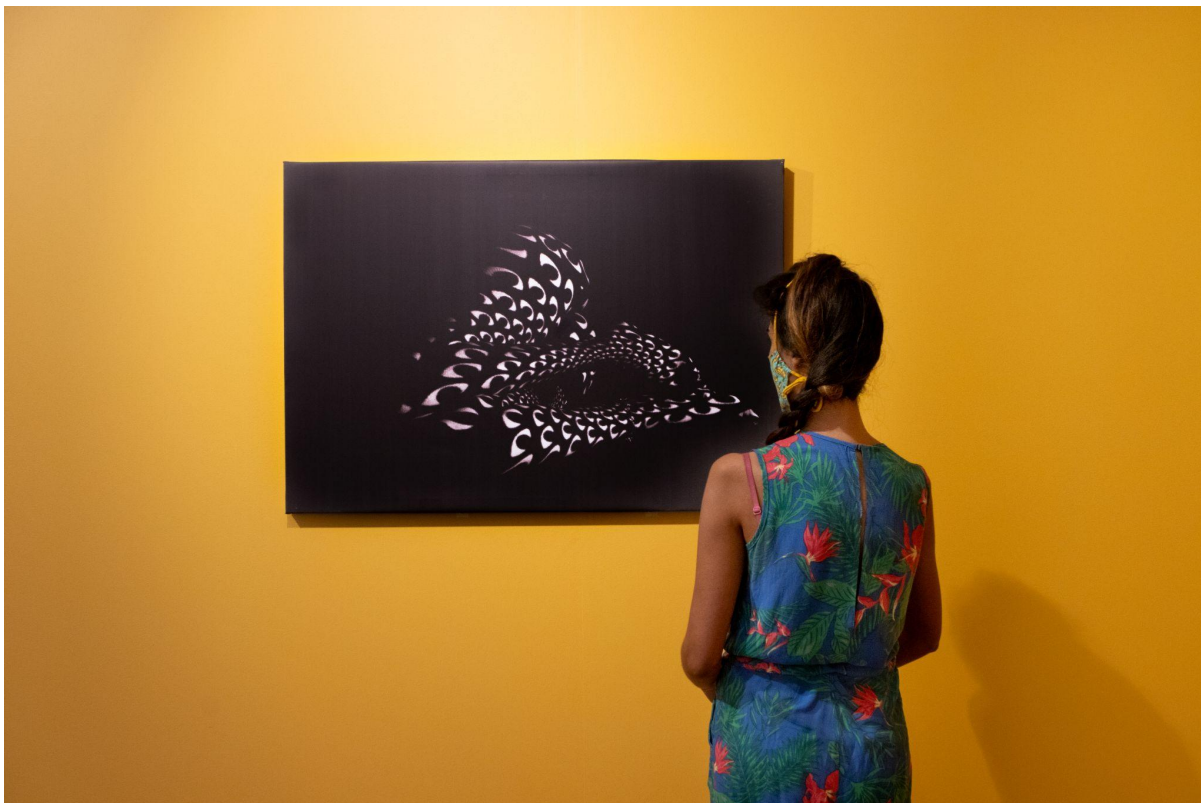


Fig. 10 – Hoana Gonçalves. Autora junto a seu quadro Permanente autoconstrução I, exposto na galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora.

Deixei diversos espaços negros, com o propósito de deixar espaço para diversas interpretações, como na concepção de *obras aberta* de Umberto Eco.



Fig. 11 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução II. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora.

E para dar, ao menos, alguma direção sobre o escopo dos pensamentos que tive ao criar as imagens, nomeei esta série com o seguinte título: “Sou a soma de todos os olhares que passaram por mim”.



Fig. 12 – Hoana Gonçalves. Série Permanente autoconstrução exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

Além disso, deixei notas descritivas na ficha catalográfica da obra, com descrições como: “olhares refletem seus tempos, então o *onde* e *quando* fazem toda a diferença ao se olhar.”



Fig. 13 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução III. Portugal, 2021. Fotografia digital. Colecção da autora.

Ou seja, em cada quadro da série de mesmo título, havia uma descrição a seguir do título, que se somava a ele, como: Sou a soma de todos os olhares que passaram por mim: *“se os olhos descansam em movimento, então é questão de movimentá-los em direção ao que vá nutrir um melhor olhar futuro.”*



Fig. 14 – Hoana Gonçalves. Permanente autoconstrução VI. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

2.3. QUOTIDIANO E AS FLORES INVISÍVEIS

É incrível como o invisível pode se tornar visível e até mesmo claro, óbvio quando se é levado em consideração, quando alguém volta a sua atenção a ele. Eu estava a voltar para casa depois de produzir algumas fotografias. Percorri o mesmo caminho em que fui até o Pólo dos Leões da Universidade de Évora naquela tarde. Enquanto passava por aquele caminho que fazia diariamente e pensava nas tantas possibilidades de invisível que são guardadas pela percepção e atenção, percebi pequenas flores coloridas que se espalhavam ali ao longo da ecopista, uma via para bicicletas e pedestres. Fotografei o caminho no momento em que tive essa epifania e percebi que mesmo naquele registro era impossível ver as tantas flores que haviam ali. (Fig. 15)



Fig. 15 – Hoana Gonçalves. Quotidiano e as flores invisíveis. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

De alguma maneira eu não havia visto nenhuma flor anteriormente, nem mesmo quando passei por ali apressadamente, quase atrasada, horas antes. Assim que vi a primeira das flores, dezenas de outras delas se revelaram para minha visão. Imediatamente comecei a fotografar as tantas diferentes espécies de minúsculas flores coloridas enquanto caminhava de volta para casa. (Fig. 16)

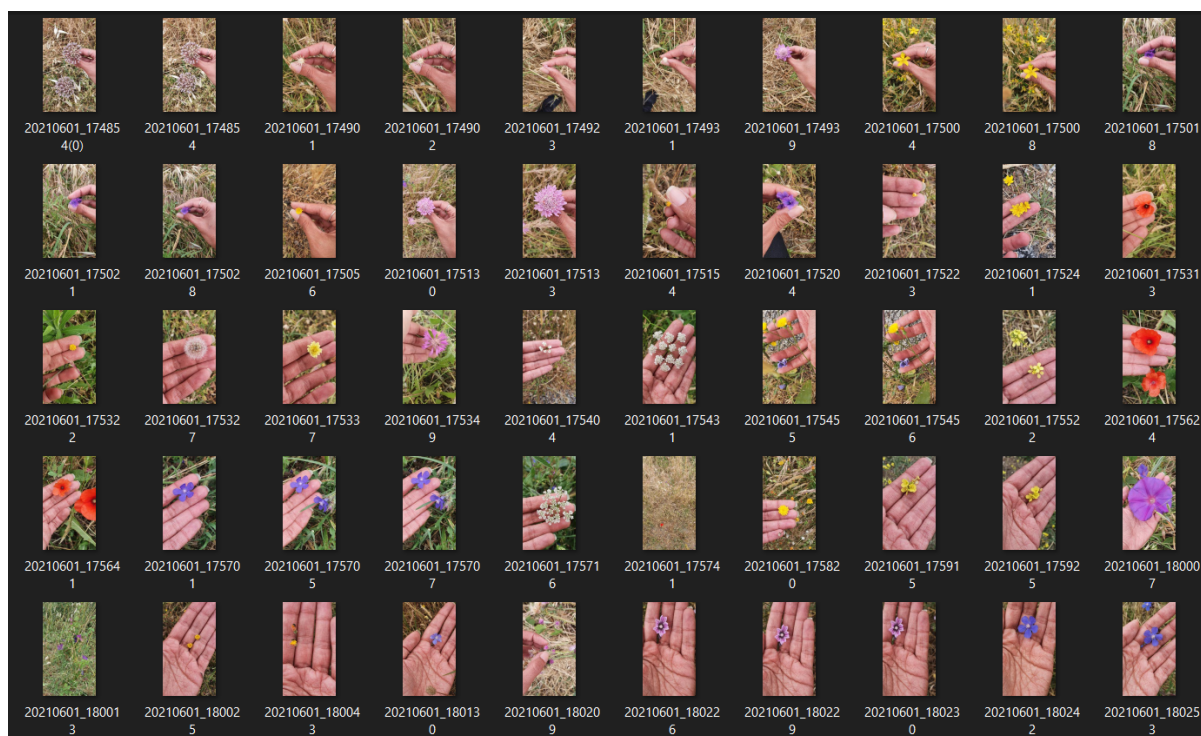


Fig. 16 – Hoana Gonçalves. Fotografias feitas em sequência no caminho para casa. Portugal, 2021. Fotografias digitais feitas pela autora. Coleção da autora.

Dias antes, minha amiga Ana havia me enviado mensagem com a poesia de uma poeta cega. Ela se lembrou que dediquei alguns anos ao projeto de ensinar pessoas cegas a fotografar. O poema demonstrava claramente que a autora via muita beleza na vida. Respondi à Ana que conheço pessoas cegas que adoram poesia e inclusive, muitos cegos dos que conheci são poetas que vêem beleza em tudo. E encerrei a conversa com a seguinte frase: **“Não basta não ser cego para ver a beleza”**. (Fig. 17)

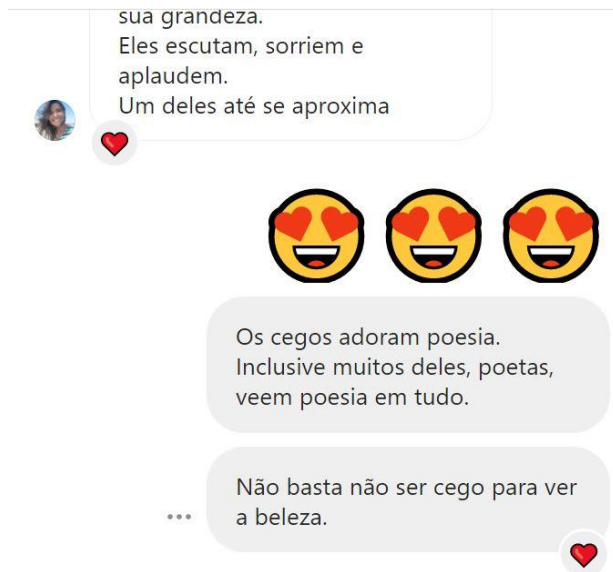


Fig. 17 – Hoana Gonçalves. A inspiradora conversa com Ana. Portugal, 2021. Captura de tela pela autora. Colecção da autora.

Muitas vezes as pessoas que enxergam ficam espantadas ao perceber que cegos podem fotografar ou ser artistas visuais. Ao se deparar com um artista cego e com outros exemplos de acessibilidade artística, resta claro que a arte não tem bordas ou limites. O fazer artístico é a maior ferramenta do artista, não importa qual seja a sua limitação.

Continuei a caminhada pela ecopista de Évora com entusiasmo, a fotografar muitas das diversas flores que apareceram na minha visão enquanto caminhava de volta para casa. Aquilo havia se tornado, para mim, uma divertida busca pela verdadeira beleza oculta no cotidiano. Ao chegar em casa, em menos de vinte minutos havia fotografado mais de cem flores com os mais diferentes formatos, cores, texturas e tamanhos.

Ao se passar por um caminho que se percorre diariamente, independente da saúde e funcionamento dos olhos, ou mesmo da sensibilidade da faculdade interpretativa do cérebro, muitas vezes **não se vê** quase nada do que está lá. É comum, ao pensarmos na última vez em que passamos por um caminho cotidiano, não termos nenhum registro de algo que visualmente nos tenha chamado a atenção. Apenas quando se está presente no aqui e agora, é possível aguçar o olhar a tornar visíveis as pérolas pelo caminho. (Fig. 18)



Fig. 18 – Hoana Gonçalves. Obra exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

2.4. A VERDADEIRA BELEZA

Sob esta perspetiva de tornar visível o que esteve invisível, desenvolvi uma série de imagens onde se lê NÃO BASTA NÃO SER CEGO PARA VER. Transformei as imagens das diferentes flores - uma vez invisíveis - que fotografei na ocasião daquela volta para casa, nas diferentes letras da composição desta frase. (Fig. 19)

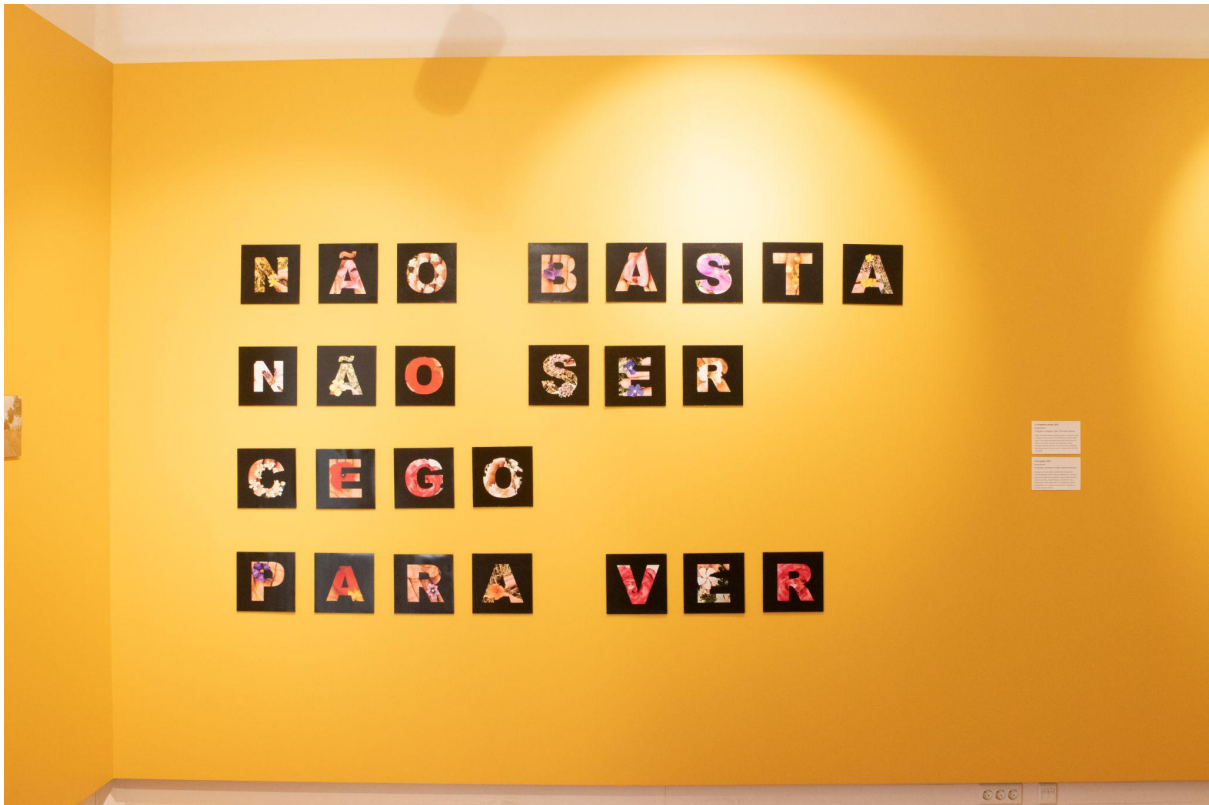


Fig. 19 – Hoana Gonçalves. A verdadeira beleza. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

Minha intenção era a de oferecer a beleza dessas flores ao espectador que se permitisse ver além do que está óbvio em seus caminhos cotidianos. A quem se atrevesse a se concentrar nos mais belos pormenores ao redor. (Fig. 20)



Fig. 20 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Não apenas ter atenção voltada às belas imagens, mas ter atenção para observar e perceber a beleza em ações, ter atenção para ver a beleza em acontecimentos naturais como o cair de gotas de uma tempestade, ter atenção para sentir belas sensações ainda que sutis. Ou seja, perceber a beleza de tudo o que está em volta - muito além dos olhos.

Ver é um processo interativo que pode ser aperfeiçoado. É a partir daí que surge a minha aspiração de, através da arte que eu produzo, inspirar pessoas a expandirem seus pontos de vista ao exercitarem ver o mundo por novas perspectivas. Para isto, penso que o ponto de partida é exercitar e expandir o meu próprio ângulo de visão em relação ao mundo e a mim mesma. Por isso, durante essa pesquisa e durante minha estadia em Évora exercitei fazer desenhos de observação no grupo de estudos de modelo vivo da minha Universidade anterior. A Universidade de Brasília-UNB.



Fig. 21 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

O grupo, que se reunia presencialmente aos Sábados na Universidade passou a uma versão online, no mesmo horário, por conta da pandemia e com isto pude seguir desenhando com meus colegas mesmo estando há milhares de quilômetros de distância. (Fig. 21-22)



Fig. 22 – Hoana Gonçalves. Pintura de modelo vivo feito pela autora. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

Ao fim das sessões, mostrava-mos os desenhos uns aos outros. Eu aprendia muito ao perceber o que cada um ali viu e escolheu representar, ao ver as soluções para representar o que eu tivera dificuldade em expressar com as manchas e linhas

que fizera e, principalmente, o olhar de cada um do grupo (Fig. 23) sobre a sessão em que havíamos compartilhado as mesmas imagens de um mesmo modelo vivo.

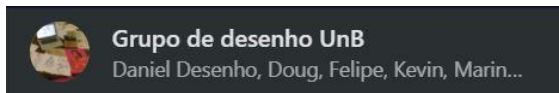


Fig. 23 – Hoana Gonçalves. Captura de tela do grupo no whatsapp. Portugal, 2021. Imagem digital. Colecção da autora.

Além de treinar minha observação e meus desenhos, considero um tesouro assistir ao final das sessões aos desenhos que cada um fez e assim, notar as peculiaridades do que cada retina viu ao final de cada sessão.

As sessões de desenhos de observação me deram um olhar mais pictórico e me aguçaram a perspectiva geral em relação à imagens, em especial a seres humanos. Tive o privilégio de, ainda que a uma distância enorme e em outro fuso horário, poder propor uma das sessões enquanto modelo vivo ativa. Ou seja, posei já com a intenção de ter resultados específicos nos desenhos e pinturas feitos ao me observar. Era a oportunidade perfeita para pesquisar o que cada colega de desenho veria, o que cada um escolheria representar e, a partir de como seria vista, também me enxergar melhor.

Capítulo III – Observo

3.1. OBSERVO-ME AO OBSERVAR O OBSERVADOR

Pedi a cada um dos participantes da sessão para que me enviassem uma fotografia de seus olhos de perto, em frente a uma janela iluminada pela luz do dia. Queria ver bem as cores e texturas dos olhos de cada um e tentar imaginar qual a influência que essas texturas, cores e saturação de cada íris teria ao refratar a luz, ao perceberem as imagens que estivessem a observar.

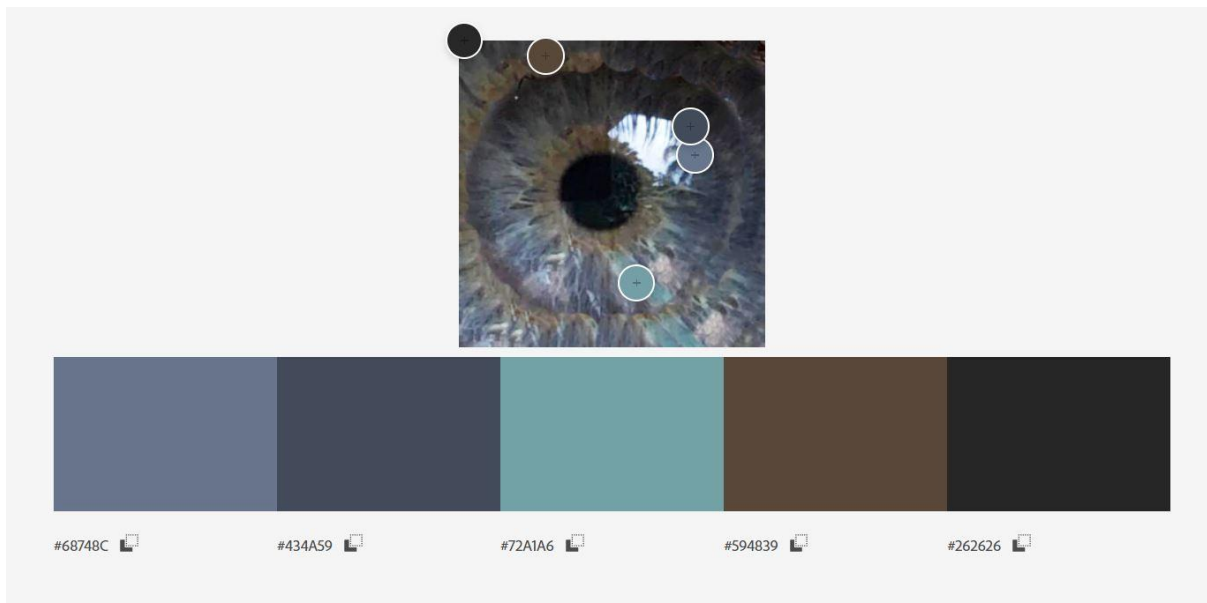


Fig. 24 – Hoana Gonçalves. Paleta de cores da íris desenhista Daniel Lopes. Portugal, 2021. Imagem digital. Coleção da autora.

Isolei as íris em cada imagem que me foi enviada e escolhi cores representativas de cada olho nas fotografias que os desenhistas me enviaram. (Fig. 24)

Pedi para cada pessoa que fosse fazer desenhos de observação daquela sessão, que fizesse os desenhos ou pinturas com as cores de suas próprias íris, visto que cada imagem, cada pose observada passaria de alguma maneira por aquelas cores, pelas íris de cada observador. (Fig. 25)



Fig. 25 – Hoana Gonçalves. Cores dos Observadores. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Colecção da autora.

O fundamental seria, através dos pormenores que incorporei na sessão, perceber como cada olhar ali veria a cena e como cada ilustrador representaria o que havia visto. Para isto, pensei ângulos que, com ou sem close, pudessem enfatizar ou obstruir o meu próprio olhar ou ainda que contivessem olhos em movimento, sombras no formato de olhos etc.

Foi principalmente pelo fator da luminosidade nas cenas e do fuso horário de Évora em relação ao Brasil, onde estariam quase todos os desenhistas da sessão, que escolhi fugir à regra de posar numa transmissão ao vivo e decidi gravar em vídeo as imagens de cada pose da sessão. Normalmente as sessões começavam às 15h no horário de Brasília, enquanto em Évora já passava das 19h. Ou seja, a sessão já não poderia contar com uma iluminação natural diurna se fosse transmitida ao vivo a partir dali. Aproveitei que iria gravar as poses, para compor minuciosamente cada ambiente, ângulo, reflexos, luzes e sombras.

Gravei as cenas todas sozinha em minha casa e editei o vídeo final da sessão que contava com uma hora e vinte minutos de duração e que foi compartilhada por mim no sábado seguinte, dia da sessão de modelo vivo do grupo de estudos da Universidade de Brasília. Pude organizar e narrar a sessão e comandar e comentar os tempos de cada pose, tratei de escolher e tocar músicas para compor uma trilha sonora para cada pose e, quando sobrava um tempo, pude ainda observar aos colegas que estavam a desenhar, observar o vídeo e até mesmo rascunhar alguns desenhos.

Ao final da transmissão do vídeo, cada um compartilhou os resultados, as pinturas e desenhos que haviam criado ao observar as poses. É incrível perceber a interação entre percepções, realidade e representação naquele fazer artístico experimental de cada um dos desenhistas.

Um exemplo é que, onde alguns nem sequer haviam visto a sombra em formato de olhos que esteve projetada em meu corpo nos quinze minutos de duração de uma determinada pose, outros a representaram com clareza: (Fig. 26)

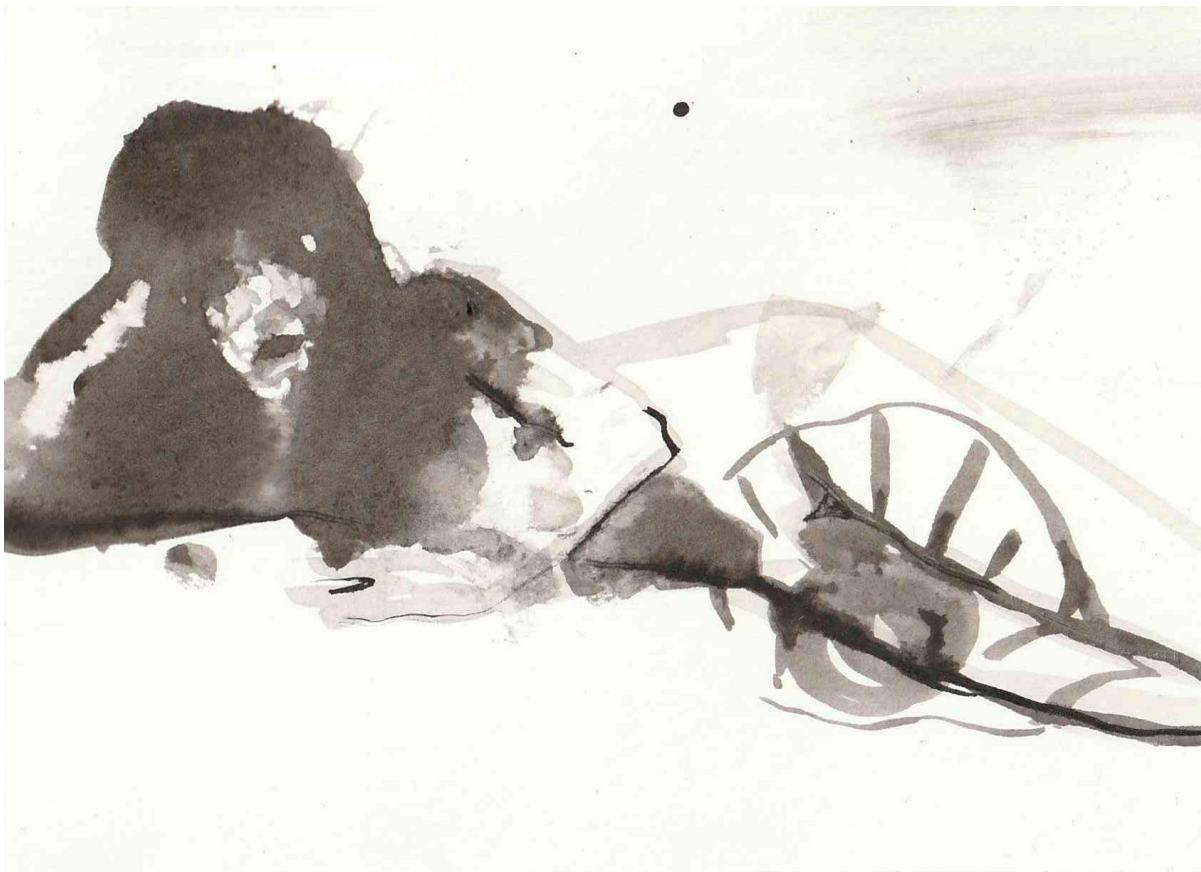


Fig. 26 – Hoana Gonçalves. Pintura de Felipe Corsini parte da obra Observo-me ao observar o observador. Portugal, 2021. Tinta China sobre papel. Coleção da autora.

Mário Roberto Silva, desenhista de observação da sessão, (Fig. 27) em uma análise que realizou à sessão que propus referiu:

“Eu encaro corajosamente, como você o fez, a defesa da potência inventiva da linguagem artística. A sombra daquele olho no teu corpo, foi tudo muito bem estudado, o horário em que o sol estaria naquela exata posição possibilitando acontecer aquela marcação assinalando o teu seio. Como você disse, muitos veem e outros não. A realidade, a representação e a percepção são coisas diferentes, embora intimamente ligadas. Traduzir isso em linguagem e expressar subjetivamente o gestual e o que há de abstrato na natureza humana da pessoa “modelada”, a sua autenticidade, é o que me parece ser o desafio de desenhá-la. Não é uma fotografia onde a realidade é reconhecida de forma objetiva. Não se trata de uma imagem espelhada, mas talvez de um espelho onde quem

desenha se reconhece constantemente através da percepção e não só da visão.”



Fig. 27 – Hoana Gonçalves. Pintura de Mário Silva feita durante a sessão proposta pela autora. Évora, Portugal, 2021. Aquarela e caneta sobre papel. Colecção da autora.

Explorar a percepção além da visão era exatamente meu interesse e curiosidade ao observar os colegas desenhando a sessão, e também ao ver os resultados. Uma experiência ideal para se pesquisar percepções. (Fig. 28)



Fig. 28 – Hoana Gonçalves. Observo-me ao observar o observador. Évora, Portugal, 2021. Aquarela e caneta sobre papel. Coleção da autora.

Através da expressão subjetiva, como no caso dos desenhos e pinturas, é possível ver o que há de abstrato na natureza humana de cada um. Apesar de os desenhos e pinturas terem muitos fatores em comum, dado que foram feitos a partir do mesmo ângulo de uma determinada pose, ainda assim eram muito diferentes entre si.

Uma amostra disto é percebida na imagem a seguir, onde cada desenho foi feito simultaneamente ao observar uma pose que fiz numa banheira semi coberta por água, em 7 minutos. As transparências da água e o que se vê através dela foram representadas aqui por: Luciano Sepulveda, Olavo Maciel, Daniel Lopes, Felipe Alencar, Ico Oliveira, Maíra Geraldo, Douglas Firmino e Cacá Soares. (Fig. 29)

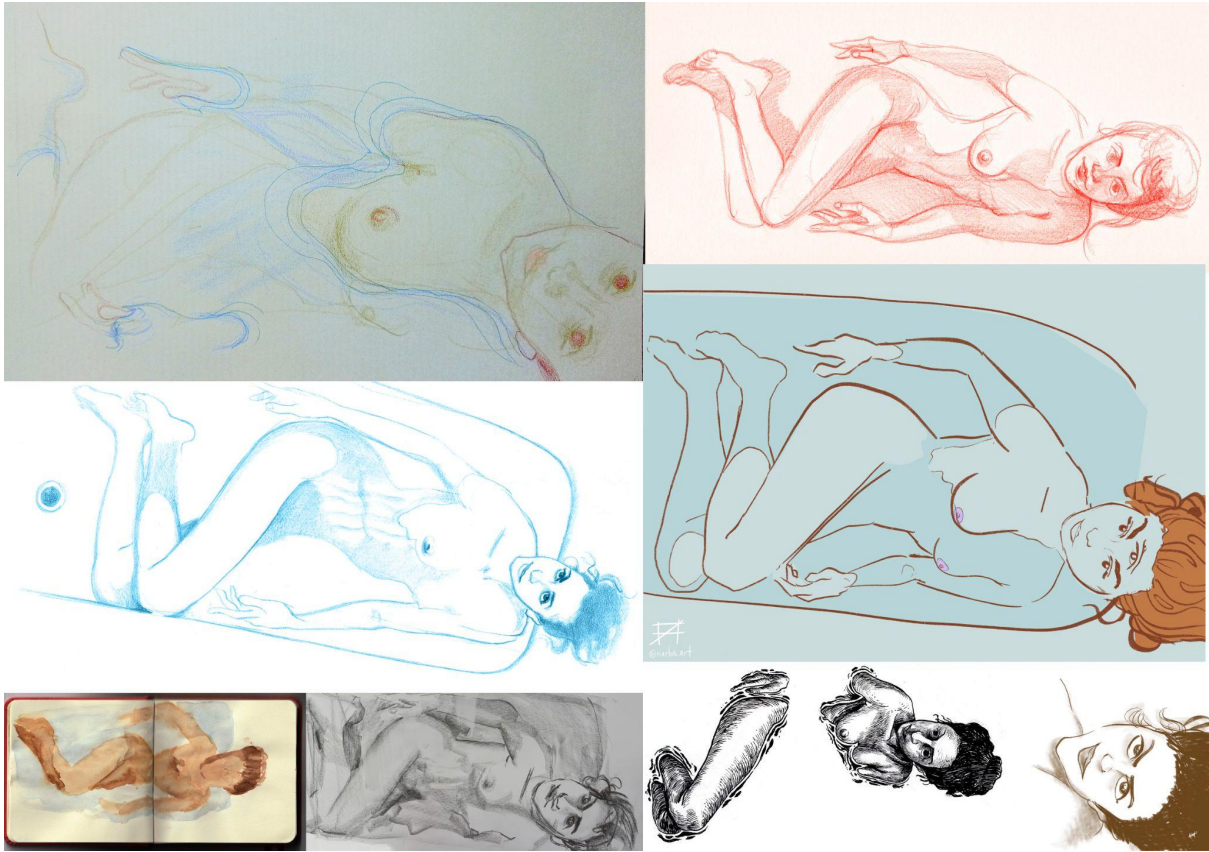


Fig. 29 – Hoana Gonçalves. Desenhos de observação de uma mesma pose da sessão proposta. Portugal, 2021. Imagens digitalizadas dos desenhos. Coleção da autora.

É como se cada desenho ali fosse um prisma e ao mesmo tempo espelho que deixa explícito algo que cada desenhista tinha em si, o ângulo único baseado na fisiologia e experiência de cada um, que é a sua perspectiva.



Fig. 30 – Hoana Gonçalves. Espectadores a observar a obra exposta na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Certamente também haveria ali algo da minha perspectiva e experiência pessoal. Em especial as experiências que eu estava a ter naquela fase da minha vida. Certamente cada espectador via algo diferente nessas imagens. É como a célebre frase “Um quadro visto por mil pessoas são mil quadros diferentes”. (Fig. 30)

As experiências que tive em Évora enquanto morei e estudei na Universidade homônima da cidade, me fizeram querer expressar e criar artisticamente algo que pudesse representá-las. Principalmente os olhares sempre muito intensos que recebi e que tanto me afetaram de uma maneira que eu não conseguia expressar, muito menos explicar com palavras. A única certeza era a de me sentir coberta por camadas que escondiam quem eu realmente sou.

Sentir esses olhares atravessados, ao saberem que sou brasileira, exigiu de mim uma força cada vez maior para continuar este estudo sobre olhares - ao passo que também fazia cada vez mais sentido aprofundar a pesquisa. Afinal quanto maior a capacidade de experimentar, de experienciar, mais lapidado o artista pode ser. Mas qual seria a resposta imagética, a imagem a ser criada para demonstrar os olhares que recebi? Sem uma resposta visual óbvia, pensei então em realizar uma

performance, não apenas para me expressar, mas como uma investigação artística, uma sistematização do pensamento e também do que senti. A ação poderia, de maneira prática, tentar captar, ver, pesquisar e compreender aqueles olhares que eu percebia me encobrirem, que me davam a sensação de me abafar.

Lembro-me que a primeira vez que vi a pedra na praça principal da cidade com a inscrição em homenagem às vítimas da inquisição, eu estava com moradores locais que afirmaram não saber muito e nem ao menos ter lido aqueles conteúdos que afirmaram ser “coisa para turistas”. Demorei algum tempo para descobrir que Évora foi um dos grandes centros da Inquisição em Portugal e que um dos edifícios pelos quais eu passei tantas vezes corriqueiramente, há apenas cinco minutos a pé da minha primeira casa em Évora, teria sido um dos três maiores Tribunais do Santo Ofício de Portugal. E ainda que quase todas as condenações julgadas naquele tribunal eram de mulheres. Antes de realizar esta ação, expressei esta inquietação através de uma serigrafia em tela intitulada:

3.2. GENOCÍDIO FEMININO E O PONTO DE VISTA NÃO SOLICITADO



Fig. 31 – Hoana Gonçalves. A tela exposta junto a outras obras de minha autoria na Galeria da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

As acusações feitas no Santo Ofício não eram sobre ferir ou fazer qualquer mal a outra pessoa. Segundo dados do arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde estão arquivados documentos de milhares de julgamentos do Santo Ofício, “As acusações mais comuns eram, na sua maioria, de cunho moral e religioso sendo elas: judaísmo, delinquência contra a moral católica, bigamia, sodomia, feitiçaria, bruxaria, heresia e blasfêmia.” (TOMBO, Arquivo Nacional Torre do, 2020) Ou seja, a função básica da Inquisição era a de garantir que aqueles que, muitas vezes forçadamente, se converteram ao catolicismo do judaísmo ou do islamismo o fizessem corretamente. As condenações iam de açoites à morte nas fogueiras e os condenados quase sempre tinham seus bens confiscados pela Igreja. (Fig. 32)

Segundo a Instituição da Torre do Tombo, onde estão guardados milhares de registros dos tempos de inquisição, “Em 1821, a 31 de março, o Tribunal do Santo Ofício e a Inquisição foram extintos. Foi o fim de 285 anos de perseguições, censuras, prisões, torturas e mortes.” (TOMBO, Arquivo Nacional Torre do, 2020) Nos quase três séculos em que durou a inquisição, as acusações - muitas vezes falsas - sobre atitudes ditas menos católicas de alguns, certamente geraram um clima de medo e tensão entre as pessoas e isso certamente influenciou no olhar que os cidadãos têm relativamente uns aos outros.



Fig. 32 – Hoana Gonçalves. Anabatista Anneken Hendriks morta em Amsterdã em 1571 após ser acusada de heresia pela inquisição. The Guardian, via Getty Images. Imagem digital. Site Guardian, The (2021).

Pelos relatos históricos, o medo era algo palpável. Medo da morte, das torturas e das mais diversas acusações inquisitórias que estavam no ar nos séculos de Santo Ofício, como pode ser observado nos versos do poeta do Século XVI, Antônio Ferreira (citado por SANTIAGO, 1989, p. 191): “*A medo vivo, a medo escrevo e falo, hei medo do que falo só comigo, mas inda a medo cuido, a medo calo.*” Se levarmos em conta que houveram mais anos de duração do período da Inquisição do que anos após o fim desta época, podemos considerar que, à vista disso, o fim deste período é relativamente recente.

Se os olhos são como janelas permeáveis, imagino o quanto entrava através dos olhos que assistiam os condenados da inquisição queimarem. É interessante pensar no que se passava na mente do público e dos transeuntes que olhavam quem estivesse a ser queimado ali. Ou mesmo o que se passaria na mente do público que assistia, nessa sociedade disciplinar, aos julgamentos nos Tribunais da Inquisição.

Indago o quanto pode ter restado destes olhares na atualidade dos dias de hoje, especificamente no meu olhar, afinal fui educada em escolas católicas desde muito pequena e optei por fazer os sacramentos católicos da primeira comunhão e crisma. Além disso, cresci em um país que se desenvolveu da maneira como é hoje através de processos colonizatórios que aconteceram simultaneamente à inquisição.

Na história da inquisição, quase sempre percebemos o lado da Igreja e do Estado, mas não é relatado como a população se sentia relativamente às sanções, punições e às torturas nas investigações sofridas pelos acusados pelo Santo Ofício. Nunca antes das investigações que fiz para este mestrado, eu havia ouvido que quase todas as acusações feitas pela inquisição eram sobre mulheres. Isto me fez pensar que em tudo na vida, costuma haver um outro ponto de vista velado que normalmente não chega a ser considerado.

Nos museus de arte, em cada uma das pinturas expostas, há a face detrás do quadro que os visitantes não vêem, um outro lado que apenas os trabalhadores dos museus têm acesso. (Fig. 31) Quase sempre este outro lado da obra apresenta dados essenciais sobre a mesma: registros de exposições onde esteve, números de série e até mesmo assinaturas e comentários do autor. Independentemente do desinteresse da maioria dos espectadores, que sequer considera qual deve ser a aparência desta outra face da obra, esse outro lado sempre existe.

Uma frase conhecida mundialmente, muitas vezes atribuída ao poeta Pablo Neruda dizia “Podrán cortar todas las flores, pero nunca terminarán con la primavera”. Essa frase me inspirou a criar a seguinte obra.

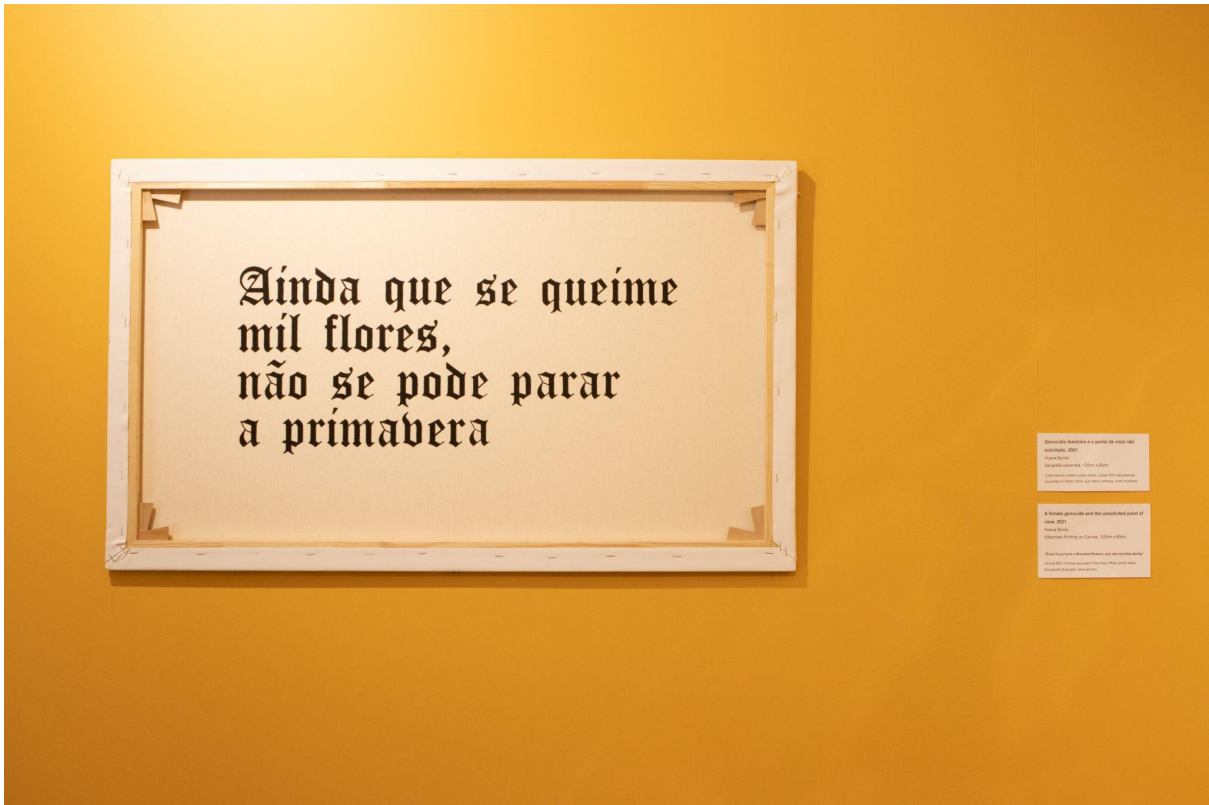


Fig. 33 – Hoana Gonçalves. Genocídio Feminino e o ponto de vista não solicitado e ficha catalográfica. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

Ao formular a frase na versão que escrevi em serigrafia numa tela, deixei o termo “flores” como sujeito indeterminado, assim não fazia necessariamente pensar sobre quem as queimou - o que deixava o foco da atenção da frase na forte intenção da primavera. (Fig. 33)

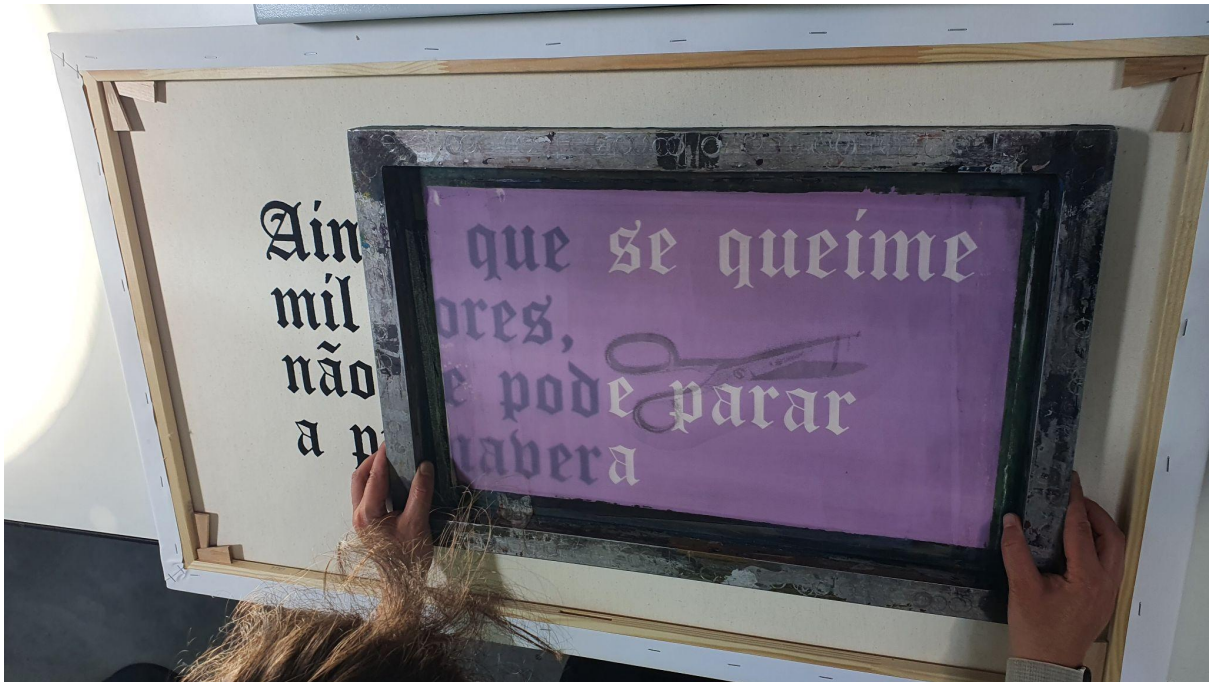


Fig. 34 – Hoana Gonçalves. Confeção da obra Genocídio Feminino e o ponto de vista não solicitado. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

Afinal, o tema das flores deu o tom ao conjunto das minhas obras que estiveram expostas na Biblioteca Nacional, localizada no Centro Histórico de Évora no verão de 2021. Escolhi uma fonte que pudesse ter sido utilizada séculos atrás enquanto as leis, investigações e condenações da inquisição ainda estavam em voga. (Fig. 34) E troquei o termo original “cortar” por “queimar” flores, para mais uma vez fazer menção aos atos condenatórios que aconteciam ali nas praças públicas de Évora anos atrás.

Na praça retratada na fotografia a seguir se vê, da esquerda para a direita, parte do antigo Tribunal da Inquisição, em seguida o Templo Romano, conhecido como Templo de Diana, posteriormente um edifício que hoje é um hotel e, à direita, a Biblioteca Nacional de Évora, onde fica a galeria que abrigou a obra Genocídio Feminino e outras, na circunstância da exposição Interim.

Estas janelas, que podem ser vistas por fora à direita na imagem a seguir, serão vistas por dentro nas imagens posteriores. Nesta mesma fotografia pode-se enxergar, ainda que em tamanho pequeno, parte de uma instalação que fiz nas janelas superiores do edifício. (Fig. 35)



Fig. 35 – Hoana Gonçalves. Praça com Palácio da Inquisição, templo romano e Biblioteca Nacional em Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

3.3. ERAM FLORES

Refleti sobre a memória auditiva que o som de uma palavra pode ter e sobre maneiras de integrar a dimensão sonora ao meu trabalho plástico. E desenvolvi um arquivo de **áudio** a ser ouvido enquanto o espectador olha para um dos maiores Palácios da feroz Inquisição moderna - o edifício que se vê através da janela na imagem abaixo: (Fig. 36)



Fig. 36 – Hoana Gonçalves. Visão Geral da obra Eram Flores, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

No Alentejo é comum ouvir as pessoas usarem a expressão “Fogo”. Em Évora, ouvi essa expressão ser dita pelos locais diversas vezes nos mais diferentes contextos e entonações. Quase sempre para se referir a algo ruim. Ninguém soube me explicar exatamente de onde veio essa sentença, mas achei ser uma enorme coincidência ouvir esta palavra no local onde o medo de ser condenado à execução na fogueira perdurou por centenas de anos. O som tem a dimensão do invisível e certamente alcança memórias que vão muito além do tempo presente. Considero que o som foi um excelente recurso artístico de comunicar o que vi e descobri sobre a história da cidade.



Fig. 37 – Hoana Gonçalves. Pormenor da QR code para acessar a obra sonora *Eram Flores*, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Imagem digital. Coleção da autora.

Coloquei uma QR CODE para dar acesso à obra sonora em cada uma das janelas da Biblioteca Nacional de Évora. (Fig. 37) Ao lado de cada uma, coleí também a instrução escrita: “Olhe pela janela.”

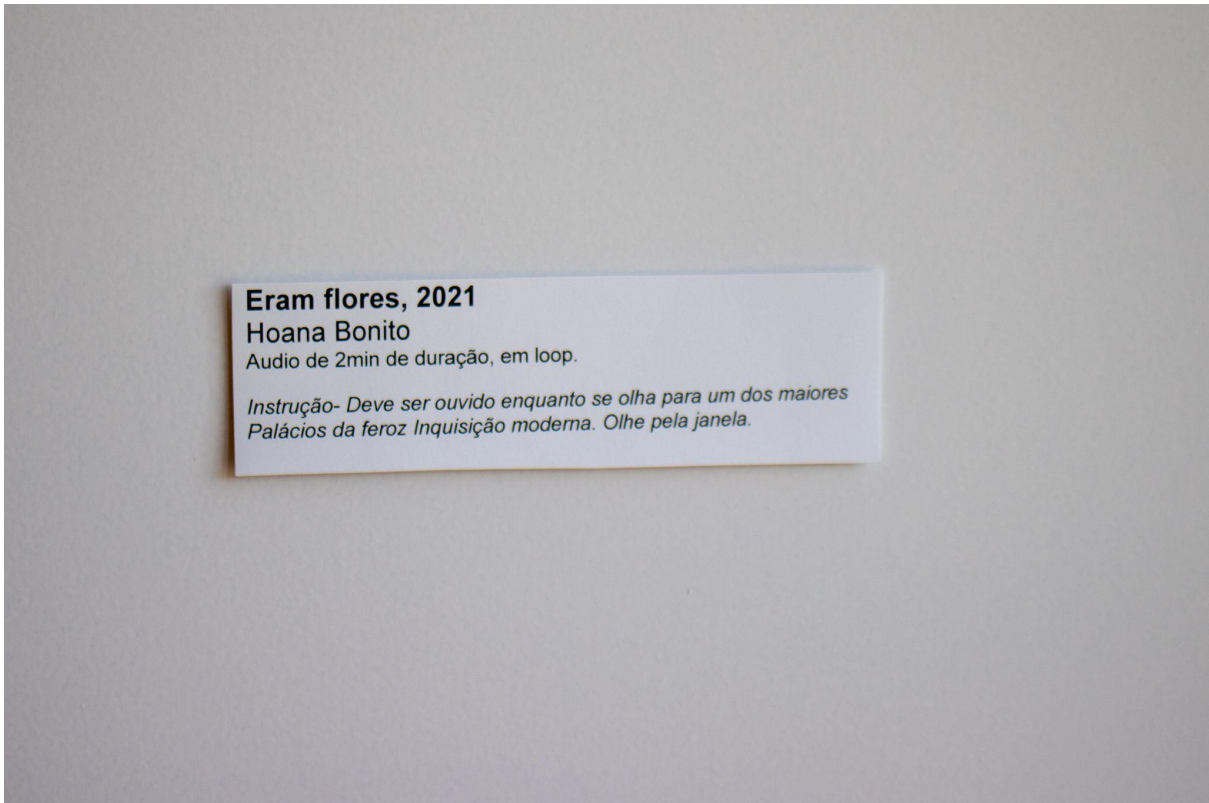


Fig. 38 – Hoana Gonçalves. Ficha catalográfica da obra Eram Flores, exposta na Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

Essa obra sonora pode ser acessada através da QR CODE que está na fotografia a seguir, onde se vê ao fundo, o antigo Tribunal da Inquisição. (Fig. 39)



Fig. 39 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra A verdadeira beleza. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

E se cada olho humano é mais um ângulo de visão e perspectivas sobre os mais diversos aspectos e assuntos, que dirá um olho animal. Grande parte dos animais não enxerga as cores como nós, humanos. Algumas espécies, como as abelhas, vêm raios ultravioleta, outras contam com uma excelente visão noturna, outras contam com uma noção diferente de perspectiva, profundidade, de movimento, etc.

3.4. OLHO DE TOURO ou O PONTO DE VISTA NÃO SOLICITADO

Em Outubro de 2020, durante o Laboratório Artístico da Galeria Zaratan, visitei a Praça de Touros de Vila Franca de Xira, para que eu e os outros artistas participantes pensassem e tivessem sensações sobre a arena. Ali, ouvi histórias contadas por produtores e pelo público tradicional de touradas. Visualizei fotos das batalhas de touros e de premiações aos toureiros ali no local. E na mesma oportunidade, visitei as áreas usadas para confinamento dos touros antes e após as performances. O que pude notar é que os animais, de alguma maneira, deixavam ali registros de suas estadas no local. Esses registros eram visualmente impactantes e

contavam histórias tanto quanto as fotografias das premiações das mesmas ocasiões.



Fig. 40 – Hoana Gonçalves. Perspectiva do Touro. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

Estas são marcas desenhadas com as pontas dos chifres dos touros logo antes de serem cortadas para proteção dos toureiros na performance na arena a

seguir. (Fig. 40) Segundo o conceito de obra aberta do Umberto Eco (ECO, 2016) as obras de arte estão sempre abertas à interpretação, portanto ao apreciar e interpretar uma obra de arte, nos tornamos co-autores delas. O espectador completa a narrativa da obra com o conteúdo/ repertório que ele mesmo tem. Isso significa que existem aspectos subjetivos e invisíveis entre o que está visível em uma pintura, por exemplo, e o que é percebido por determinado observador.

Se estas imagens estivessem expostas num museu de arte sem nenhuma explicação, penso que muitas pessoas do público, sem saber o contexto da origem das imagens, seriam capazes de afirmar que haveria ali emoções intensas expressadas pelo autor dos desenhos.

A partir das sensações que tive ali naquela arena Arena de Vila Franca de Xira, tive a reação de, ali mesmo, performar o que seria o ponto de vista de um Touro durante a chamada “briga de touro” ou, como estávamos a falar em inglês, “a bull fight”.

3.5. A BULL FIGHT



Fig. 41 – Hoana Gonçalves. Fotografia de performance feita pela autora numa arena de tourada. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021. Fotografia digital feita por um colega de laboratório artístico a pedido da própria autora. Colecção da autora.

O animal se encontra ali na arena sem trajes e até mesmo sem o seus chifres, que seriam normalmente a sua defesa, mas tem as pontas cortadas logo

antes de entrar na área de combate. (Fig. 41) Enquanto o toureiro, está vestido com roupas requintadas e armado com espada. E que é aplaudido por um público que está ali na certeza de vê-lo vencer. Digo que o público tem esta certeza pois o funcionário do local que estava ali a nos falar das histórias disse que, nos últimos vinte anos, desde que ele trabalha ali, nunca houve um incidente em que algum toureiro tenha saído gravemente ferido.

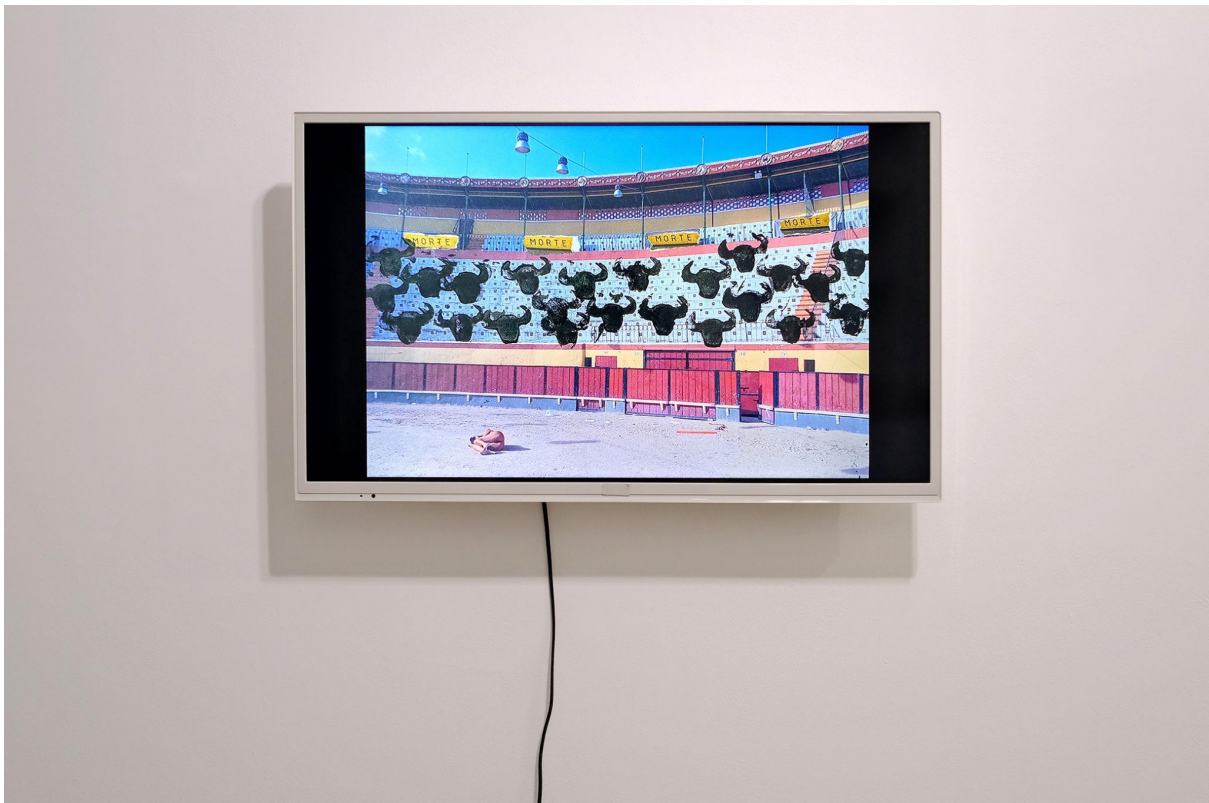


Fig. 42 – Hoana Gonçalves. Fotografia de obra feita pela autora exposta na Galeria Zaratan. Lisboa, Portugal, 2021. Imagem digitalizada da colagem feita pela própria autora. Coleção da autora.

A arena, em seu panorama circular, abriga os mais diversos pontos de vista em torno do touro e toureiro que performam ali no centro. (Fig. 42) E no palco desta briga, tanto o toureiro quanto o touro têm histórias diferentes a serem contadas. A parede onde o touro esteve confinado, ficou com a marca de seu chifre. Considero que parte da história está contada visualmente por este desenho que o chifre fez ali antes de ser cortado para a “bull fight”. (Fig. 43)

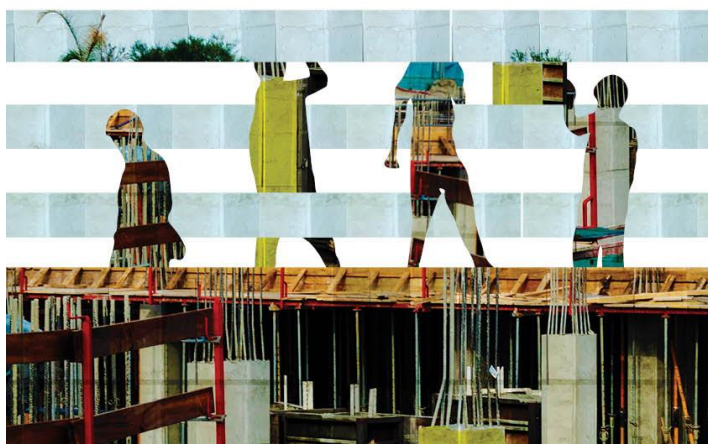


Fig. 43 – Hoana Gonçalves. O desenho do Touro. Vila Franca de Xira, Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

Esta visita e a obra exposta fizeram parte do laboratório “Em Obras” ocorrido ao longo de Outubro de 2021 e exposição coletiva homónima, realizada também na Galeria Zaratan, em Novembro de 2021 em Lisboa, Portugal. (Fig. 44)

laboratório experimental
em obras / in progress

exposição final



4 - 7 NOV 2021

16h às 20h
entrada livre

Hoana Bonito
Felix Vong
Elise Carlton
João Borges
Carmen Bioque Zurita
Catarina Costa
Rosana Arifin

Zaratan - Arte Contemporânea
www.zaratan.pt - info@zaratan.pt
[+351] 965 218 382



Fig. 44 – Hoana Gonçalves. Cartaz da exposição Em Obras. Lisboa, Portugal, 2021. Imagem digital. Coleção da Galeria Zaratan.

Capítulo IV – O que resta do velho ponto de vista?

Meus olhos, que se encontravam dentro das muralhas que contornam a cidade que teria sido um dos maiores centros, uma das capitais do Santo Ofício em Portugal, certamente ainda enxergam o mundo através da ótica da perseguição religiosa que teve sede ali por tanto tempo. Motivada por estas reflexões, produzi uma instalação inspirada na tensão deste o tema.

4.1. O QUANTO DE UM OLHAR ANTIGO AINDA RESTA NO MEU?

Criada exatamente para o local onde foi exibida, a instalação utilizou a intensa luz solar que incide na região do Alentejo para formar sombras e prismas especificamente pensados para o local. O andar superior do Edifício da Biblioteca Pública Nacional em Évora, inaugurado no ano de 1805, situado na parte central e mais antiga da cidade, foi o cenário para a instalação que ocupou suas oito janelas e encheu o ambiente de cores e símbolos. (Fig. 45) A praça diante da biblioteca conta com um templo romano e o edifício que foi tribunal do Santo Ofício por centenas de anos. Por isto as imponentes janelas da Biblioteca e a vista a partir delas foram o local ideal para (fazer) pensar a cidade onde eu então morava a partir da sua história.



Fig. 45 – Hoana Gonçalves. Visão geral da instalação feita nas janelas da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Sombras e prismas em cores do arco íris eram projetados pela luz natural do forte sol de verão Alentejano. O objetivo desta instalação é propor uma mudança de valores humanos partindo de mim mesma e do que estava à minha volta. Para isso, deixei escrita na ficha catalográfica da obra, uma instrução a ser feita por quem estiver a apreciá-la:

“Transmutação do olhar: listar os principais preconceitos ao longo da história e procurar dentro de si, ainda que pequenas raízes, de cada um desses dogmas.”
(Fig. 46)



Fig. 46 – Hoana Gonçalves. Ficha catalográfica da obra afixada à janela da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

Os prismas e cartões recortados da instalação que montei nas janelas originavam sombras em formato de olhos e arco íris prismáticos que passeavam por todo o ambiente, atravessando o piso, mesas e paredes da mais antiga Biblioteca portuguesa. (Fig. 47)



Fig. 47 – Hoana Gonçalves. Pormenor das projeções feitas através da instalação no piso da Biblioteca Nacional de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Este estabelecimento havia sido inaugurado ainda durante o tempo mais ardente da inquisição pelo Frei Manuel do Cenáculo, que dá o nome ao Museu, que ocupa o mesmo edifício da Biblioteca. Na sala das oito janelas onde a instalação foi feita, há uma pintura enorme do Frade fundador da Instituição. (Fig. 48)



Fig. 48 – Hoana Gonçalves. Quadro do Frei Manuel do Cenáculo e sombra da instalação projetada no chão da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Ao pensar e também durante todo o processo de montagem da instalação, sentia que onde quer que eu fosse, por onde quer que eu me deslocasse ali no ambiente, este retrato me seguia com seus olhos, em olhar severo e penetrante: (Fig. 49)



Fig. 49 – Hoana Gonçalves. Pormenor do retrato do Frei Manuel do Cenáculo e seu olhar severo. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Coleção da autora.

Imagino, além do olhar do Frade fundador da Biblioteca, quantos olhares já atravessaram aquelas janelas ao longo da história - e quantos ainda atravessariam. E o que enxergavam e pensavam as pessoas que olhavam estes espaços.



Fig. 50 – Hoana Gonçalves. Pormenor da obra O quanto de um olhar antigo ainda resta no meu? Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Cada olhar, de certa maneira, funciona como janela permeável de cada pessoa, por onde passam imagens filtradas por pensamentos, emoções. Essa instalação existiu ali por dois meses, foi de alguma maneira parte da história do

local, inspirando pensamentos, sensações e fazendo pensar olhares. (Fig. 50) As sombras da instalação poderiam se relacionar com olhares do passado e o arco íris, com olhares futuros. Também haviam formas de olhos na madeira ruidosa que forrava o chão do recinto.

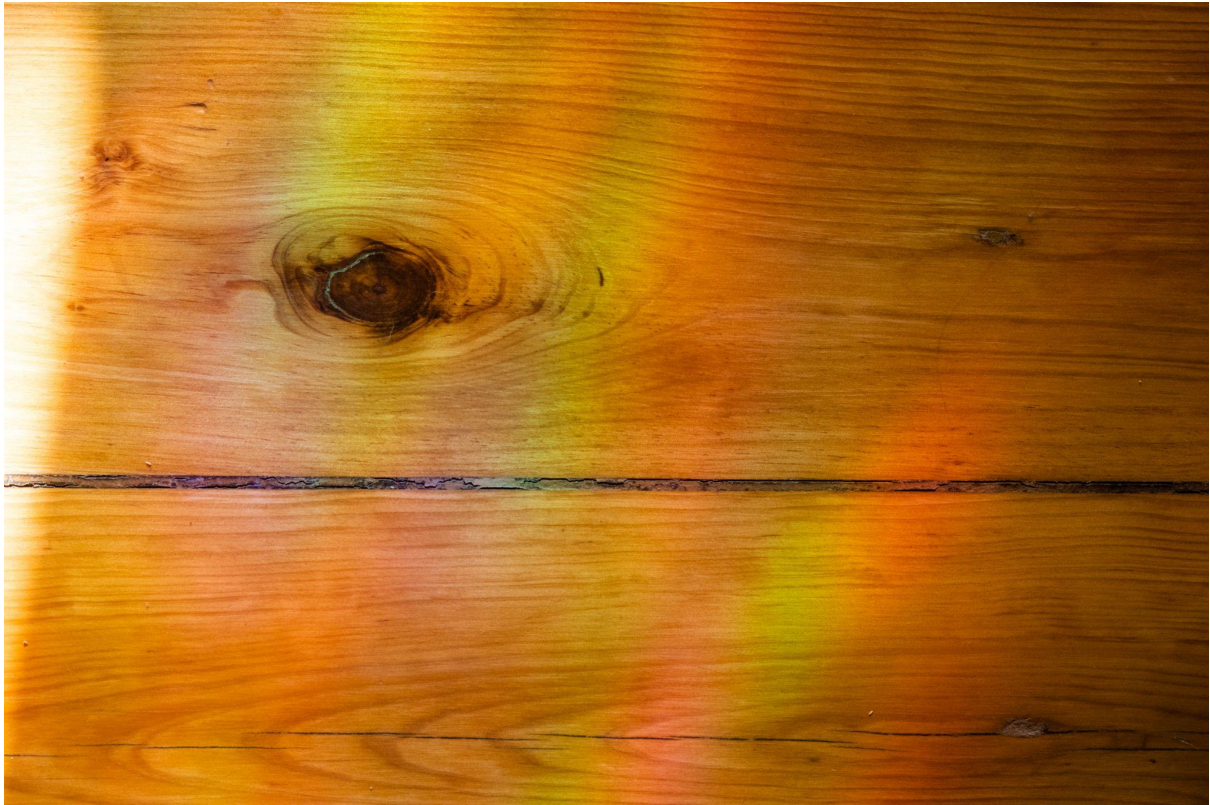


Fig. 51 – Hoana Gonçalves. Pormenor madeira no chão da biblioteca com prisma acarretado pela instalação feita na janela da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

De toda maneira, cada pessoa que presenciou a instalação teve a sua própria percepção dos significados envolvidos e sua própria experiência. Inclusive, o principal motivo pelos qual escolhi fazer uma instalação lo-tech que utilizasse a luz natural ambiente, era justamente que cada espectador tivesse uma experiência única em cada momento em que presenciasse a obra. (Fig. 51)



Fig. 52 – Hoana Gonçalves. Pormenor madeira no chão da biblioteca com prisma acarretado pela instalação feita na janela da Biblioteca. Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Os raios de sol, transformados em cores e sombras em formato de olhos pareciam lambem vagarosamente a sala ao longo dos dias e sempre que eu visitava a exposição, essas formas e cores tomavam o ambiente de uma maneira diferente. (Fig. 52-53) Isto poderia realçar a tensão entre a imobilidade do passado e a constante mudança que o momento presente traz. Afinal, há uma diferença enorme entre conhecer o passado e viver nele.

Lucia Koch, artista plástica brasileira é a que tem maior afinidade com a linha de criação desta instalação, na qual, a depender da posição do observador, padrões prismáticos se formavam e se desfaziam diante de seus olhos, estabelecendo diversas relações entre o ato de ver e aquilo que é visto.



Fig. 53 – Hoana Gonçalves. Pessoas a interagir com prisma formado pela instalação O quanto de um olhar antigo ainda resta no meu? Portugal, 2021. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Já as performances, são obras de arte que são criadas por meio de ações realizadas pelo artista ou outros participantes, que podem ser ao vivo ou gravadas. Podem ser de certa maneira, espontâneas ou feitas a partir de um programa. A partir de uma ideia, inspirada por grandes performances clássicas como a “Ever is over all” (1997) de Pipilotti Rist e em todo o poder das performances de fazer pensar sobre si e sobre o outro, criei um programa básico para a performance que fiz.

4.2. O DESCOBRIMENTO DO BRILHO

Inspirada nos trajes típicos para mulheres de Portugal como o Coca, o Bioco e o Capelo, me vesti com diversas camadas de roupa. Caminhei vestida assim pelo centro histórico de Évora vagarosamente e em silêncio para ter a sensação de me ver e de ser vista como uma mulher tradicional portuguesa. Por viver e por estar no Alentejo, a principal inspiração ao me trajar foi nas roupas das ceifeiras tradicionais do Alentejo. Vestida com camadas de típicos trajes femininos alentejanos, em especial com os trajes da ceifeira alentejana, caminhei pelo centro histórico de Évora. Este trajeto foi realizado na hora em que havia maior trânsito e fluxo de pessoas, para que assim eu fosse vista e pudesse ver quem estava pelas ruas.



Fig. 54 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frames do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora.

O resultado final desta performance foi um vídeo que foi exposto na minha exposição individual O olho e o brilho, que teve início em Março de 2022 no Centro do Mundo, no Campus Espírito Santo da Universidade de Évora. (Fig. 54) A ação desenvolvida foi simplesmente a de caminhar vagarosamente e em silêncio para ter a sensação de me ver e de ser vista como uma mulher tradicional alentejana. Havia diversas camadas de roupa, como usavam as ceifeiras tradicionais.



Fig. 55 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora.

A princípio, pensei que caso alguém perguntasse o porquê de estar a fazer isto, ou caso alguém quisesse fazer qualquer outra interação, apenas diria uma frase em referência ao que sempre me perguntavam em todo o tempo em que estive em Évora: “E tu, o que estás a fazer cá?”. Sem responder profundamente e sem continuar o assunto. Mas afinal ninguém dirigiu a palavra a mim durante a performance - nem quando caminhei sozinha do Colégio dos Leões até o templo de Diana e nem quando alguns colegas e a professora me acompanharam a caminhar entre o templo de Diana e a praça do Giraldo. Esta performance, que teve a duração aproximada de quarenta minutos, foi documentada em vídeos e fotos pelos meus colegas que acompanharam o percurso. (Fig. 55)



Fig. 56 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora.

As muitas camadas de roupa e véus foram, uma a uma, retiradas ao longo do percurso entre o templo de Diana e a praça do Giraldo (Fig. 56) onde, ao final do percurso e já sem as tantas camadas de roupas, algum brilho se revelou nas roupas que estavam por baixo dos véus e também na minha pele. (Fig. 57)



Fig. 57 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora.

Escolhi fazer esta performance para pensar nos olhares das pessoas da cidade de Évora, onde vivi por um ano e três meses. Tê-la realizado me ajudou a perceber e entender como sou vista enquanto mulher, enquanto estrangeira. Ao mesmo tempo, durante a performance, de alguma maneira eu via o mundo pelos olhos de uma típica mulher da região Alentejana.

O objetivo específico era experienciar o mundo e pensar olhares na cidade onde eu vivia. No fim, calhou de eu me mudar de Évora para Lisboa na mesma semana da performance, fato que adicionou significado ao ato, senti que ao realizar a performance, eu estive numa espécie de rito de saída da cidade de Évora. (Fig. 58)



Fig. 58 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Frame do vídeo de gravação da performance. Colecção da autora.

Senti mesmo estar vestida como uma ceifeira alentejana. E sentia mesmo como se assim, de alguma maneira, pudesse ver e sentir o mundo como uma mulher alentejana tradicional. Ao caminhar, me senti muito presa pelas roupas e também por calçar um sapato que ficou um bocado grande para meus pés delgados. Era difícil caminhar e mesmo os movimentos eram limitados, devido a tantas camadas de roupas. Fiquei a imaginar se as mulheres da época sentiam seus movimentos limitados pelas roupas.

Claro que para elas era costumeiro e, por isto, confortável estar vestida assim. Possivelmente, vestidas assim ainda que no verão de extremo calor alentejano, se sentiam confortáveis mesmo com as tantas camadas de roupas, muitas delas amarradas e ainda um lenço na cabeça e em volta do rosto.

Ao pesquisar trajes típicos das mulheres portuguesas, percebi que em cada um deles, nas mais diferentes regiões, a cara e as mãos são o máximo da exposição do corpo da mulher que ficam expostas. (Fig. 59)



Fig. 59 – Ceifeiras Alentejanas. Portugal, 2021. Imagem digital. Site O Leme.

Isto me fez pensar na ideia pessoal de conforto que cada pessoa tem e como essa ideia é formada de acordo com o seu quotidiano. Afinal o ser humano se acostuma com qualquer situação, por mais difícil que seja. Então quais seriam os meus condicionamentos?

De toda maneira, mesmo com mais de um ano a morar lá, não me acostumei com os tantos olhares intensos que sempre recebi em Évora. Me sentia como se

tivesse que, através de muitas camadas, esconder o brilho da minha autenticidade. Como se tivesse que, através de inúmeras camadas de comportamentos e roupas, esconder quem eu sou de verdade. Não me sentia à vontade para, entre tantas outras coisas, usar batom ou brincos. Quanto tempo demoraria para eu me acostumar a não ser eu mesma?

Ser brasileira em Évora era ser mal vista como nunca antes fui. Foi das piores experiências que já tive. Não é fácil para ninguém e não foi fácil para mim. Senti isto de maneira clara, de dentro (e por traz) do véu de mulher alentejana. Senti também o silêncio implícito às mulheres nos mais diferentes tempos e locais. Como já havia adiantado uma amiga alentejana: ninguém ousaria dirigir a palavra a mim. Os locais que passassem por mim iriam apenas olhar. E assim foi: no máximo, conversavam entre si, quando estavam acompanhados.

Os colegas que acompanharam a ação, Danilsa Gonçalves, Fabrisio Canifa, Nicoleta Borometti e a Professora Beatriz Cantinho relataram que o véu parece, de certa maneira, cortar as possibilidades de comunicação. E disseram também sentir um certo alívio quando tirei as tantas camadas de roupa e fiquei vestida apenas com meu traje básico, como se as peças de tecido literalmente pesassem e como se o olhar de cada transeúnte comunicasse, algo em comum sobre os olhares dali, como os olhares ali eram de alguma maneira densos, intensos.



Fig. 60 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Fotografia do colega Fabrisio Canifa. Colecção da autora.

De toda maneira eu estava presente ali debaixo de todos os véus e camadas de pano. Há quem pense uma performance como apenas um ato, uma atitude de alguém, mas penso que, enquanto artista, o que tenho é o somatório de minhas experiências, que formam o que sou. A arte é uma consequência de quem eu sou. O ritual que senti estar a fazer durante a performance pareceu mais intenso e mais explícito quando, ao terminar o trajeto e a performance, ao seguir os últimos raios de sol dourados naquela tarde, por acaso eu estava no monumento em homenagem às vítimas da inquisição onde se lê “Homenagem de Évora às vítimas da inquisição portuguesa e de todas as intolerâncias. Nos 480 anos da criação em Évora da inquisição 1536 - 2016”. (Fig. 60-61)



Fig. 61 – Hoana Gonçalves. Performance Descobrimto do brilho. Évora, Portugal, 2021. Fotografia digital. Coleção da autora.

Nunca antes eu havia reparado que o monumento em homenagem às pessoas queimadas datava o início em Évora da inquisição, mas não datava o fim desse período e sim, o ano de 2016. Qual seria o motivo destas datas específicas cravadas ali na pedra? Um mês depois disto, na Espanha, mulheres mortas na inquisição foram oficialmente consideradas vítimas de perseguição misógina, ou seja, *“os políticos aprovaram o perdão a centenas de mulheres assassinadas entre os séculos XV e XVIII após serem acusadas de bruxaria.” ... “Durante os debates, foi decidido que as mulheres devem ser reconhecidas como “vítimas de perseguição e misoginia”.* (LAVIERI, 2022) Tal reconhecimento há de chegar a Portugal visto que, segundo os estudos de Geoffrey Scarre, cerca de 80% das vítimas da inquisição eram mulheres. Isso levanta a reflexão de como os tantos séculos de inquisição moldaram os olhares que os locais têm hoje sobre as mulheres nesta região.

Decerto, esses olhares também induzem a maneira com que mulheres vêm a si próprias. Isto pode levar-nos a tentar ser um padrão que, na verdade, é uma visão distorcida do que pensamos que deveríamos ser. E isto deixaria de lado a beleza de ser Uma O autor Paul Preciado escreveu sobre a importância de ser exatamente quem se é:

Mas porque eu amo vocês, meus pares corajosos, desejo que lhes falte a coragem. Desejo que vocês não tenham mais força para reproduzir a norma, que não tenham mais energia para fabricar a identidade, que percam a fé no que os seus documentos dizem sobre vocês. E uma vez perdida toda a sua coragem, frouxos de alegria, eu desejo que vocês inventem um modo de usar para seus corpos. Porque eu os amo, desejo-os fracos e desprezíveis. Pois é pela fragilidade que a revolução opera. (Preciado, 2020)

Afinal, por muitas vezes nesse tempo em que vivi em Évora gastei imensa energia para tentar ocultar meu próprio brilho e fabular uma personalidade e aparência mais contidas, que melhor coubessem dentro dos padrões normativos ali presentes. Agora percebo que ter a sinceridade de estar confortável na minha própria pele pode inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo. Isso quer dizer, inspirar a **liberdade** que, nesta visão, é não ter medo do que me cabe ser. Em

resumo, não é sobre ser alentejana ou ser brasileira. Quero abrir espaço para que as pessoas, em especial as mulheres, possam **ser exatamente quem elas são**. E encontrarem paz nisto.

4.3. OLHARES DE ÉVORA

Meu olhar é o que ele come. E já que ele se alimenta o tempo todo, certamente é possível nutrir meu olhar com informações de fontes confiáveis sobre qualquer assunto. E para experienciar outras perspectivas que possam agregar valor a meu olhar, o ideal é dar voz a especialistas nas mais diversas áreas. É consumir notícias consolidadas e as mais inspiradoras fontes de arte. De toda maneira é imprescindível estar aberta ao que há de novo nos mais diferentes aspectos. Mas seria eu, através de minha produção artística, capaz de incentivar outras pessoas a se abrirem a isto? Me pareceu uma boa meta enquanto artista. E não resisti experimentar.

O olhar é algo dinâmico, o olhar não para. Os olhos até mesmo descansam em movimento. É um poder enorme o de direcionar os olhos para onde quiser. Mas, que intenção coloco no meu olhar? Como é que estou a ver o mundo?

Meu desejo de instigar os espectadores de minha obra para que treinassem seus olhares precisava se sublimar em criação estética. Por isso, realizei uma ocupação territorial com esta temática (Fig. 62) estrategicamente feita para o Centro do Mundo - localizada no Colégio Espírito Santo da Universidade de Évora: Olhos que nunca parassem de se mover. A instalação ficou em exposição nos meses de Março, Abril e Maio de 2022 no âmbito da exposição individual que fiz com o título de O olho e o brilho.



Fig. 62 – Hoana Gonçalves. Pormenor da instalação Olhares de Évora. Portugal, 2022. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Longe de pensar o visível como auto suficiente - especialmente quando se trata da ousada meta de inspirar olhares - espalhei os olhos em movimento por toda a extensão superior do local e também por um corredor que seguia a área. Desta maneira, assim como na obra Pixel Forest de Pippilot Rist, o deslocamento no ambiente das pessoas que estivessem a observar a obra mudaria o tempo todo em que caminhassem pelo ambiente e pelo corredor, assim como a perspectiva dele relativamente à obra. (Fig. 63-64)



Fig. 63 – Pippilot Rist. Vista de “Looking Through Pixel Forest,” com vídeos que se alternavam a ser exibidos no teto. Suécia, 2016. Fotografia digital feita por Philip Greenberg. NY Times.

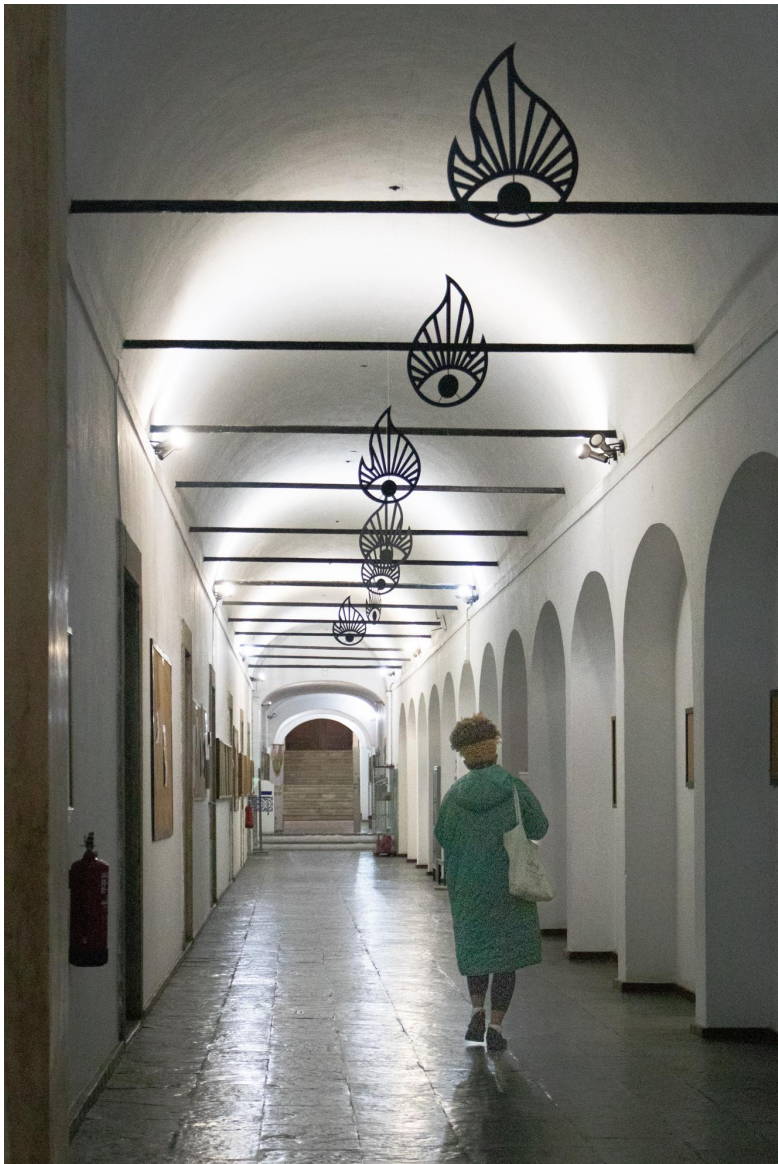


Fig. 64 – Hoana Gonçalves. Corredor com a instalação Olhares de Évora. Portugal, 2022. Fotografia digital da obra feita pela autora. Colecção da autora.

Da mesma forma que as perspectivas se alteram ao se mudar de lugar num espaço, as perspectivas subjetivas também se alteram ao longo do tempo ao se ler um livro ou ao se ter uma boa conversa, por exemplo. No início do tempo em que fiquei trancada em quarentena, o isolamento me fez sentir muito privada de liberdade. No meio de Abril de 2020 assisti a uma entrevista que o ex-presidente uruguaio José Mujica deu para o jornalista Julio Leiva do jornal virtual Caja Negra. Nesta entrevista, dentre outras coisas, o jornalista pergunta a Mujica como ele superou o cerceamento à sua liberdade enquanto ele esteve preso e o ex-presidente disse que em situações assim, é necessário “Galopar território

adentro” (Mujica, José 2020 17:46) de si próprio e que ao fazer isto, ainda que enclausurado, ele se sentia livre. Isso me fez ter uma nova perspectiva sobre o isolamento e me ajudou muito nos anos em que passei severamente isolada.

Pensando em expressar essa mudança de óptica que obtive através do ângulo de visão sobre liberdade do ex-presidente uruguaio, criei uma intervenção sobre fotografia do meu próprio olho, com o título de:

4.4. LIBERDADE

A partir da tensão na letra “atrás do olho” uma música da banda Saci Weré e no mesmo desígnio de discorrer sobre a perspectiva do Mujica sobre liberdade em tempos de pandemia, criei uma intervenção sobre fotografia onde escrevi sobre uma fotografia em que uso uma máscara de covid. (Fig. 65)



Fig. 65 – Hoana Gonçalves. A liberdade mora atrás do olho. Portugal, 2021. Fotografia digital posada e fotografada pela autora com intervenção feita também pela mesma. Colecção da autora.

Tenho certeza que mesmo de máscara, me sentia mais livre que várias pessoas que eu via sem máscara em ambientes de uso obrigatório deste ítem de

segurança durante a pandemia. Em outras palavras, a liberdade também é uma visão com infindáveis diferentes perspectivas.



Fig. 66 – Hoana Gonçalves. Obra sendo vista no centro de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital fotografada pela autora. Colecção da autora.

As ópticas sobre a liberdade são tão diversas quanto cada cabeça, cada pessoa e cada par de íris. (Fig. 66 e 68) Quase todas as pessoas possuem ao menos uma íris, que é o músculo colorido dos olhos que controla a quantidade de luz que entra pelos olhos a cada momento. Cada íris é única, como uma impressão digital. Para representar essa singularidade, fiz um retrato da minha própria íris e sobrepus a escrita de que a liberdade é algo que se encontra olho a dentro. (Fig. 67)

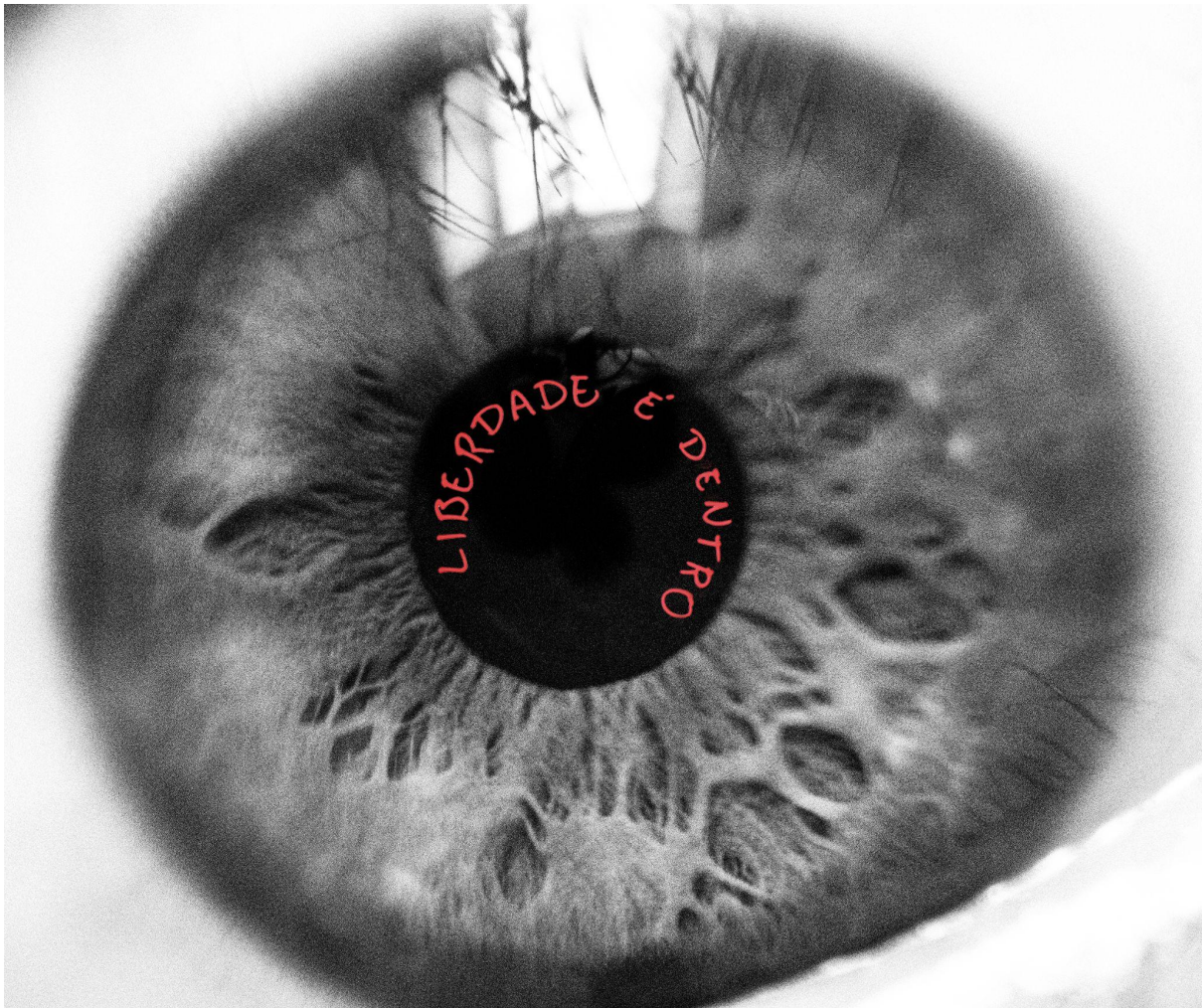


Fig. 67 – Hoana Gonçalves. A liberdade é dentro. Portugal, 2021. Fotografia digital posada e fotografada pela autora com intervenção feita também pela mesma. Coleção da autora.

A própria cultura visual em que se está inserido é capaz de fazer repensar o papel das representações visuais e os pontos de vista de um mesmo observador em diferentes momentos de sua vida. Eu mesma, quando adolescente, admirava uma série de roupas, filmes e imagens que, em grande parte, já não fazem sentido algum que eu admire agora que sou adulta. O passar do tempo alterou meu modo de ver.



Fig. 68 – Hoana Gonçalves. Obra exposta no centro de Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital fotografada pela autora. Coleção da autora.

Pensar o passado é ver com os olhos da memória o que já não se está a ver no momento. Focar no que já não é muitas vezes nos cega para o está agora. Quando penso no passado, minhas memórias quase sempre se apresentam com uma visualidade achatada e distorcida, complexa demais para se expressar em palavras.

4.5. PASSADO, PRESENTE e FUTURO

Meu tempo não tem prazo ou hora para acabar. Agradeço pelas experiências vividas nesta vida, mas o tempo é autoritário e soberano: a única certeza é a de que o fim desta vai chegar. São estas experiências que levarei além do tempo. Mas o fato de pensar no passado geralmente não me ajuda a criar possibilidades para o presente ou futuro. Então penso que devo tentar ao máximo focar minha atenção no tempo presente, posto que olhar para o passado funciona como uma camada opaca que me turva a visão do tempo presente. Para expressar essa inquietação relativa a

tudo que está pregresso, criei esta fotografia (Fig. 69) com intervenção tátil que faz a palavra “passado” perceptível ao tato.



Fig. 69 – Hoana Gonçalves. Fotografia base para a obra Passado. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Coleção da autora.

Apenas o presente guarda todas as camadas possíveis de visualidade e sensações, sendo assim é neste tempo em que pretendo permanecer concentrada.



Fig. 70 – Hoana Gonçalves. Fotografia base para a obra Presente. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Coleção da autora.

Tenho a certeza de que posso contar apenas com decisões e atitudes tomadas no tempo presente. O tempo “agora” é infinito em possibilidades de escolha sobre a intensidade e onde quero focar minha atenção. Representei isto com camadas transluzentes de visualidade nesta fotografia onde também se percebe de maneira tátil a palavra “presente”. (Fig. 70-71)



Fig. 71 – Hoana Gonçalves. A obra PRESENTE sentida tatilmente por um visitante da exposição COM TEXTO. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

Mesmo sabendo que apenas vivo e apenas posso atuar no tempo presente, muitas vezes no momento atual a minha atenção se volta para pensar em futuros possíveis. Vislumbro o futuro como tempos de colaboração entre os humanos, mais sorrisos e mais cuidado com o meio ambiente. Ou isto, ou penso que o futuro não será de maneira alguma. Como já se vê no presente, os desequilíbrios ambientais afetam o planeta em que vivemos e cada vez mais potenciam colapsos.

Foi neste contexto que desenvolvi esse tríptico de fotografias com intervenções táteis para a exposição coletiva Contexto Contexto. (Fig. 72)



Fig. 72 – Hoana Gonçalves. Entrada da exposição coletiva COM TEXTO. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Coleção da autora.

É essencial pensar e sonhar o futuro, afinal minha ideia de futuro também molda a maneira como eu vejo o agora. Ou seja, a maneira como vejo o mundo presente depende em grande parte das minhas intenções para o futuro. Ao pensar numa representação visual do futuro, assim como no passado, enxergo uma imagem plana, achatada, sem tantas diferentes camadas, cores e possibilidades como no tempo presente. Representei isto com camadas transluzentes de visualidade nesta fotografia onde também se percebe de maneira tátil a palavra “futuro”. (Fig. 73)



Fig. 73 – Hoana Gonçalves. Processo de perfuração da fotografia da obra Futuro. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

As obras estiveram expostas numa exposição coletiva entre Agosto de Outubro de 2021 nos Celeiros, em Évora. (Fig. 74)



Fig. 74 – Hoana Gonçalves. Exposição COM TEXTO, em Évora. Portugal, 2021. Fotografia digital feita pela autora. Colecção da autora.

Considerações Finais

Neste trabalho, experimentei pensar e repensar o papel das representações visuais, observar aspectos subjetivos e invisíveis entre o que está visível em uma pintura, por exemplo, e o que é percebido por determinado observador. Ao fazer esta pesquisa artística constatei que o espectador completa a narrativa de cada obra de arte que aprecia com o conteúdo, com o repertório que ele mesmo tenha. E, foi a partir daí, que criei obras artísticas em diversos meios como serigrafia, escultura, áudio, instalação, vídeo, fotografia e performance.

Tenho em vista, ou seja, aspiro que essas ações e imagens que criei a partir do meu ponto de vista possam inspirar seus espectadores a ponderar a maneira como estão a observar o mundo, visto que os conjuntos de opiniões e as maneiras como estas podem ser alteradas em massa, me parecem ser o que está em jogo na época presente. Na era das informações fragmentadas na internet, penso ser essencial enquanto produtora de imagens, que eu possa motivar pessoas para que busquem, a cada dia, alimentar a sua percepção com as melhores referências possíveis. Quando produzo imagens com diversas camadas de visualidade, o que pretendo é aumentar a capacidade de ver do espectador - e com isso, a sua capacidade intuitiva, imaginativa e criativa.

Se a troca de maneiras de ver costuma influenciar as outras pessoas e as suas perspectivas sobre o mundo, quero comprometer meu coração com um trabalho que beneficie as pessoas ao meu redor e as pessoas que estejam a apreciar meu trabalho. Não é sobre ser Alentejana ou sobre ser brasileira. O que pretendo é, através do que fica evidente no meu trabalho, abrir espaço para que as pessoas, em especial as mulheres, possam ser exatamente quem elas são. E encontrar paz nisto.

Meus pensamentos me definem, definem como estou a caminhar pelo mundo. É através da minha percepção visual que obtenho grande parte das informações que alimentam a minha compreensão do mundo e me fazem ser quem eu sou. Direcionar meus olhos para o que seja inspirador é dos maiores poderes que tenho. Afinal, meu ponto de vista, meu olhar para o mundo é uma construção permanente: Cada pensamento que tenho é também uma lente para o que vejo. E, a maneira que vejo e penso está constantemente a se formar e reverberar para fora do meu corpo através dos meus olhos, das palavras que digo e de minhas ações.

Em outras palavras, meus olhos são como uma janela permeável por onde entram informações e por onde outras informações saem. Percebi que estou a consumir informações visuais o tempo todo em que estou acordada. Entre as milhares de imagens que vejo diariamente cabe a mim, através da intencionalidade de minha consciência, cuidar para ver imagens que me inspiram, que alimentem a minha alma e a minha arte, com o mesmo cuidado que escolho a comida que alimenta meu corpo. Afinal, a boca fala do que o coração está cheio.

Olhar com atenção um vasto campo com o objetivo de ver flores, por exemplo, pode fazer meus olhos enxergarem mesmo as mais pequeninas delas que não havia visto antes e que estão invisíveis para a maioria dos transeuntes que passam por ali. Isto significa que cada pensamento é também uma lente através da qual vejo o que está ao meu redor. Estou presente aqui nesta cidade, neste espaço com meu corpo, meu nome e com a minha perspectiva. De alguma maneira somei minha referência à maneira de ver das pessoas que vivem em Évora. Assim como a história e os olhares locais se somaram ao meu olhar - e disto resultou a arte que produzi. Em síntese, como diria Adorno (ADORNO, 1997) : a arte é, basicamente, conteúdo sócio histórico decantado.

Em conclusão, ver é um processo que vai muito além dos olhos, se vê com toda a expectativa do que se deseja ver. Então, no processo de enxergar, as inteligências emocionais, físicas e energéticas são tão importantes (ou mais) que a inteligência racional/lógica/intelectual. A relevância que quero deixar com este meu fazer artístico, ou seja, com esta exploração do meu próprio olhar é inspirar que a liberdade seja reivindicada com amor por cada coração para que cada pessoa alcance uma maneira de ver com bons olhos o fato de ser quem se é. Afinal, ver é um processo interativo em constante construção.

Referências Bibliográficas

- Aumont, J. (1995). *A Imagem*. 2ª edição. Papyrus.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1997). *Dialectic of enlightenment* (Vol. 15). Verso.
- BBC, 12 Nov. 2018. *How President Trump took 'fake news' into the mainstream*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/av/world-us-canada-46175024>>. Acesso em: 26 Jan. 2021.
- Berger, J. (1972). *Modos de ver*. Editorial Gustavo Gil.
- Boff, Leonardo. *Todo ponto de vista é a vista de um ponto*. Campinas: Governo do Estado de São Paulo, s/d. Acesso em: 01 Jan. 2021. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-control/cursos/anexo-encontro-c-onselheiros/ponto-de-vista.pdf>>.
- Eco, Umberto (2016). *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Editora Perspectiva SA.
- Eco, U. (1991). *Obra aberta*. Tradução de Giovanni Cutolo.
- Bosi, A. (1988). *Fenomenologia do olhar*. In *O olhar*. (p. 65–87). Companhia das Letras. <https://artepensamento.com.br/item/fenomenologia-do-olhar/>
- Boylan, A. L. (2020). *Visual Culture*.
- Didi-Huberman, G., & Eco, U. (2011). *L'expérience des images*. Paris: L'eu editions.
- Lagrou, E., Pimentel, L. G., & Quintal, W. R. (2009). *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Meneghetti, Diego. *Qual o significado dos símbolos com olhos? in: Revista Super Interessante*. Acesso em: 20 Jul. 2022. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-o-significado-dos-simbolos-com-olhos/?fbclid=IwAR3cJCeMcMoU973f5Dr03m89SgJODYiQ--ljPPuV7czfvihNmanBE2Tm49k>>
- Mujica, José (2020) entrevistado por Julio Leiva para FILO.NEWS. Acesso em: 27 Jul. 2022. Disponível em: <<https://www.filo.news/actualidad/Jose-Pepe-Mujica-Hay-una-tendencia-de-los-liderez-mundiales-a-ser-una-manga-de-chantas-20200403-0012.html>>.
- Hulin, M. (2007). *La mística salvaje: en las antípodas del espíritu* (Vol. 56). Siruela.

Hall, J. (2018). *Illustrated dictionary of symbols in Eastern and Western art*. Routledge.

Jardim, J., & Carvalho, W. (2004, junho 7). *Janela da Alma [Documentary]*. Brazil Telecom, Copacabana Filmes e Produções, Dueto Filmes.

Lagrou, Els. "Arte indígena brasileira." Belo Horizonte: C/Arte (2009).
Lavieri, Fernanda (2022) "Espanhóis perdoam 700 mulheres acusadas de bruxaria no passado". Acesso em: 01 de Ago. 2022. Disponível em:
<<https://istoe.com.br/as-bruxas-estao-soltas/>>.

Marx, K. (2015). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial.

Merleau-Ponty, M. (2000). *Fenomenologia da Percepção*. Editora Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2014). *O olho e o espírito*. Editora Cosac Naify.

Santiago, S. (2002). *Nas malhas da letra: ensaios*. Rocco.

Significados, Acesso em: 08 Ago. 2021. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/opiniao/>>.

Tombo, Arquivo Nacional Torre do (2020) Acesso em: 21 Jun. 2021.
Disponível em:
<<https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/dia-nacional-da-memoria-das-vitimas-da-inquisicao-31-de-marco/>>.

Lemos, Ronaldo (2021). *Fake news e ciberataques se fundiram*. Folha de S. Paulo. Acesso em: 21 Jun. 2021. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2021/09/fake-news-e-ciberataques-se-fundiram.shtml>>.

Preciado, P. B. (2020). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Referências Imagens

Guardian, The (2021). *Anabatista Anneken Hendriks morta em Amsterdã em 1571 após ser acusada de heresia*. Acesso em: 22 Setembro. 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/aug/22/after-200-years-the-spanish-inquisition-still-exacts-its-price>>.

Leme, O (2021). *Imagens do Passado: A Ceifeira*. Acesso em: 21 Maio. 2021. Disponível em: <<https://www.leme.pt/magazine/imagens-do-passado/portugal/figuras-tipicas/ceifeira.html>>.

Times, N.Y (2016). 'Pipilotti Rist: Pixel Forest.' Acesso em: 23 Julho. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/slideshow/2016/10/28/arts/design/pipilotti-rist-pixel-forest/s/28RIST7-web.html>>.